



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

CRISTIANE MARIA SALES PIMENTEL

REZADEIRAS: UMA FÉ POPULAR

FORTALEZA

2006

CRISTIANE MARIA SALES PIMENTEL

REZADEIRAS: UMA FÉ POPULAR

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho.

FORTALEZA

2006

CRISTIANE MARIA SALES PIMENTEL

REZADEIRAS: UMA FÉ POPULAR

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho.

Aprovada em ___ / ___ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a. Dr.^a. Maria Sulamita de Almeida Vieira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Ms. José Ronaldo Aguiar Salgado
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A meu pai João, minha mãe Francisca e minha
irmã Rejane, minhas chamas incandescentes em
meio à escuridão.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Gilmar, pela honra de poder ter sido sua aluna.

Aos rezadores e profissionais de saúde que colaboraram com essa pesquisa.

À minha avó, Teresa Pinto, quem começou com toda essa história.

Aos amigos, pela força.

“Existem três tipos de curandeiro: o que cura pelas plantas, o que cura pela faca e o que cura pela palavra.” (Zoroastro).

RESUMO

Estudo do trabalho das rezadeiras. Analisa o contexto da medicina popular em que se inserem e seu reflexo em suas práticas. Oferecendo um olhar sobre as ideias de saúde e doença, juntamente com a etiologia e terapêutica e o papel do doente na medicina popular, o trabalho destaca a atuação da cultura como construtora e mantedora de tais ritos. As imbricações entre medicina e religião e os limites entre o ideal de salvação física e espiritual, com suas influências sobre técnicas são também ressaltados. Fazendo um constante encontro entre medicina oficial e medicina popular, o trabalho mostra ainda a tenuidade entre essa divisão.

Palavras-chave: Rezadeiras. Medicina popular. Medicina e religião.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	MEDICINA POPULAR – PERCEPÇÕES	9
2.1	Saúde e cura – O mito de Asclépio	9
2.2	Os conceitos de saúde, doença e suas percepções	10
2.3	A etiologia da doença na medicina popular	12
2.4	O doente na medicina popular	15
2.5	Medicina popular e religião	21
2.6	A terapêutica na medicina popular	24
3	TÉCNICA DE CURA NA MEDICINA POPULAR	30
3.1	Técnicas populares de proteção e aniquilamento dos males	30
4	REZADEIRAS	43
4.1	Rezadeiras – uma fé popular	43
4.2	Tereza Pinto – “enquanto eu for viva eu tenho que cumprir essa promessa, essa devoção que Deus me deu”	46
4.3	Ananias Roseno – “O que eu disser que você tem aqui é confirmado pelo médico”	51
4.4	As rezas	53
4.5	Mais elementos das rezas – os santos católicos, números e o mar sagrado	61
4.6	Performance	65
4.7	As plantas	67
5	CONCLUSÃO	70
	REFERÊNCIAS	71
	ANEXO	72
	ANEXO A - REZAS COLETADAS	72

1 INTRODUÇÃO

Desde muito tempo que o homem vem buscando conforto para seus males, sejam eles do corpo ou da alma. É erro, no entanto pensar que esse conforto sempre partiu da adesão do indivíduo às práticas e crenças atualmente tidas como "institucionais". Ritos com uso de elementos animais, vegetais, uso de amuletos e patuás, dentre outros, são uma confirmação histórica disso. Nos dias de hoje, esse tipo de rito ainda existe, o que vem sendo favorecido senão o seu crescimento, mas pelo menos a permanência, devido ao atual nível de contestação e revisão de dogmas seculares.

Controversas no mundo inteiro, as crenças não tiveram no Brasil um palco diferente. Se por um lado a fusão entre raças serviu para a dominação cultural em vários aspectos, não se pode dizer que o mesmo aconteceu no âmbito religioso por completo. Simplificando-se a formação do povo brasileiro em três raças: a indígena, a negra e a europeia e observando-se as crenças de cada uma, é inevitável que se diga que a crença europeia se sobrepôs, não tanto pela livre adesão, mais pela violência. No entanto, as crenças de negros e índios, mesmo violentadas, não se entregaram por completo. São claramente perceptíveis as influências que esses tipos de crenças exerceram sobre o modo de ter fé do atual brasileiro. Como afirma Cascudo "não há, intimamente, a menor antinomia no homem do povo dirigir-se ao babalorixá e depois comparecer, orante e contrito, a uma cerimônia religiosa ortodoxa" (1971, p. 172-173). Pode-se concluir então, à luz dessa afirmação, que ainda as tradições europeias tenham tido um peso sobre a formação do "crer" brasileiro, foram as tradições indígenas e africanas que deram a ele particularidade.

Se no Brasil dos grandes centros, mesmo no mundo atual isso é bem claro, mais pode-se dizer sobre o Brasil periférico. Uma prova viva disso são as rezadeiras, espécie de médicas físico-espirituais. Crenças, superstições, influências de rituais indígenas, evocação a santos católicos, utilização de métodos de cura vindos da crença negra, tudo isso aliado ao afastamento da ciência e da informação foram postos em um grande caldeirão e o resultado disso é uma mistura de medicina, superstição e fé.

2 MEDICINA POPULAR – PERCEPÇÕES

2.1 Saúde e cura – O mito de Asclépio

Conta uma das histórias da mitologia grega que ¹o deus Apolo juntamente com uma ninfa chamada Corónis tiveram um filho chamado Asclépio. Retirado do ventre da mãe pelo pai justamente quando o corpo de Corónis estava prestes a ser consumido pelo fogo na pira funerária - castigo resultado de sua traição ao deus - o nascimento de Asclépio é a vitória da vida sobre a morte. Filho preferido do deus do sol, Asclépio, no entanto, não viveria muito tempo junto a ele. Foi entregue ao centauro Quíron, que se encarregou de educar o jovem.

Graças aos ensinamentos de Quíron, Asclépio desenvolve várias habilidades, inclusive uma especial: a arte de curar. Certo dia, enquanto caminhava, uma serpente surge de súbito em seu caminho. O animal vai então em direção a ele e enrola-se na vara que, no momento, Asclépio empunhava. Assustado, sem pestanejar, ele mata o animal. Porém, miraculosamente, aparece uma segunda serpente enrolada na vara. Ela trazia na sua boca uma erva que, ministrando-a à serpente assassinada, a fez ressuscitar. Admirado com o fato o qual acabara de presenciar, Asclépio toma aquilo como uma revelação das virtudes medicinais.

Após o ocorrido, Asclépio passa a ter um enorme poder terapêutico, até mesmo o de ressuscitar os mortos. Tudo graças à serpente, que lhe revelava segredos. Mas o filho de Apolo utiliza o seu poder nem sempre em causas tão nobres. Isso acaba por atrair-lhe a ira de Zeus, que o fulmina com um raio, acusando-o de ter cometido o pecado de usurpação dos poderes divinos.

Asclépio morre, mas a arte de curar não se extingue com ele. Acontece que, antes de morrer, ele havia tido duas filhas: Panacéia, a deusa da cura, e Higéia, a deusa da saúde; que seguem o ofício interrompido do pai, o de prover a cura e a saúde aos humanos. E, para não termos um final tão triste, diz ainda a lenda que Apolo imortalizou o seu filho, Asclépio, deus da medicina, transformando-o numa constelação.

Escolhemos esse mito, uma representação do surgimento da medicina, para iniciarmos os nossos trabalhos na medida em que ele retrata uma preocupação do homem em responder às questões desse perene embate entre saúde e doença. Numa sociedade grega, que

¹ Brandão, Junito de Sousa. *Mitologia Grega*

através da figura de Hipócrates dava os primeiros passos para a também recorrência de meios físicos para a explicação dos males, é interessante ver que as crenças, incluindo-se aí o divino, também apresentavam os seus fatores elucidativos. Saúde e cura, Higéia e Panacéia, respectivamente, nos são apresentadas como filhas de Asclépio, que por sua vez é filho de um deus. É o sagrado se apresentando como possível provedor da saúde.

E é essa mistura entre medicina e religião, salvação e saúde, cura e fé, as relações entre a medicina oficial e a popular, e o modo como a medicina popular engloba tudo isso, com foco no trabalho da rezadeira, que integrarão o cerne das reflexões que apresentaremos a seguir. Para iniciar, vamos refletir acerca das definições de saúde e doença.

2.2 Os conceitos de saúde, doença e suas percepções

Homens armados, revólveres, metralhadoras. Canhões, napalms, bombas atômicas. Todos meios de destruição e criadores de dor e sofrimento. Mas ao longo da história da humanidade não foram esses os seus piores inimigos. A mais duradoura e cruel guerra ainda é enfrentada contra a maior das opositoras: a doença.

É no terreno pantanoso do desconhecido que cresce essa rosa macabra. Suas pétalas são disformes e soturnas, e o odor que exala, fétido. No seu cerne, grãos de um gélido pólen, que, quando levados pelos maus-ventos, transformam a tudo que tocam. Ao que antes sob as esfuziantes luzes da vida resplandecia, esmaece, fluindo para as inefáveis nuances da morte.

No embate contra tais poderes a humanidade vem se munindo de saberes e técnicas as mais díspares. Seja sob um pensar embasado em crença, empirismo ou cientificismo que a busca é sempre a mesma: arrancar pelas raízes tão nefasta rosa, que, com seus espinhos, perfura a carne e faz sangrar o espírito.

Se os meios de cura diferem, todavia, ao longo dos tempos, os sentimentos face à doença revelam uma certa uniformidade entre os povos. Mas, e o que dizer de sua acepção? Como a saúde e a doença têm sido interpretadas? Existe definição para doença? E saúde, o que é?

Para a Organização Mundial de Saúde, “saúde é o estado de mais completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de enfermidade”. Contudo, mais do que buscar definições e conceitos, a fim de compreendermos o que seria saúde e doença, é necessário perceber esses dois estados como noções relativas.

Relativas por quê? Devido à conceituação de saúde, e, conseqüentemente, doença, com as devidas interpretações de suas causas, ser definida de acordo com a cultura e o momento histórico de cada sociedade. O que pode ser patológico para determinado povo, pode não ser encarado de tal forma por outro. Exemplo disso é a loucura, que historicamente foi vista desde como uma graça da sabedoria concedida pelos deuses, até como possessão demoníaca. Já para os povos xamânicos, o que hoje avaliamos como uma crise nervosa ou epiléptica, para eles poderia representar o sinal divino da escolha do xamã.

Ao lado das pré-compreensões implícitas da doença, que são mais vivenciadas que pensadas e que não se apresentam sob a forma de sistema, existem em todas as sociedades modelos interpretativos construídos, teorizados, configurados ou, como diz Lévi-Strauss, “feitos em casa” por diferentes culturas. (LAPLANTINE, 2004, p. 33).

Cada sociedade, retém, de acordo com seus padrões culturais, modelos diferentes de explicação para as doenças, em detrimento de outros que são marginalizados ou até mesmo descartados do campo social. Como cita Laplantine (2004, p. 37),

Toda sociedade, toda época é obcecada pelo que considera causa por excelência da doença: (...) trata-se do que foi para o Ocidente o álcool, a insalubridade e a subnutrição, os casamentos consanguíneos e hoje em dia (entre outros) o tabaco, o consumo de gorduras, a vida sedentária, o ritmo da vida urbana e, em menor grau, o patrimônio genético.

Se fizermos uma análise, por exemplo, dos relatos de trabalhos ou teorizações médicas ocidentais de séculos passados, veremos a sua inserção dentro de seus respectivos contextos social e cultural. Eles não se mantêm “imaculados”, assim como prega o cientificismo médico, de concepções que hoje são tidas, por essa mesma cultura, como supersticiosas.

Estar doente, estar bem de saúde são noções que transbordam de significações (econômicas, políticas, morais, religiosas, existenciais), mas toda sociedade *opta* por uma idéia de normalidade que é necessariamente acompanhada por uma capacidade normativa e, para alguns, por uma normalização dos comportamentos. (LAPLANTINE, 2004, p. 102).

Face à essa relatividade na conceituação de saúde e doença, podemos então nos perguntar se dentre os mais variados pensamentos entre os povos não haveria uma espécie de similaridade, algo que unisse as visões acerca da doença. Segundo Laplantine (2004), essa classificação é possível na perspectiva etiológica. Significa dizer então que é possível analisar e

classificá-las a partir de suas causas. Para isso, o antropólogo fornece-nos duas vertentes: a ontológica, centrada na doença; e a relacional, centrada no homem.

Decorrente da medicina hipocrática, com seus conceitos de fatores ambientais como causadores de doenças; do dualismo cartesiano que separa a alma do corpo, e das descobertas microbiológicas de Pasteur, o olhar ontológico classifica a doença como algo que vem de fora, distinto do sujeito, um ser estranho que chega e invade; a “coisificação” da doença.

Já a divisão relacional, incorporando também conceitos hipocráticos, como a medicina humoral (o corpo seria composto de quatro humores - o sangue, a fleuma, a bÍlis amarela e a bÍlis negra - e a saúde dependeria do equilíbrio desses elementos) e da fisiopatologia (o organismo é visto de uma maneira dinâmica e funcional) vê as doenças não como algo externo, mas sim interno; uma alteração do próprio organismo. Ela, a doença, não existe como algo independente do corpo do doente, pois seria a sua própria disfunção; o doente como causador da doença.

Mas o que isso tem a ver com o tema do nosso trabalho: rezadeiras? Bem, tudo, pois o seu ofício está inserido dentro de um contexto na medicina popular, que por sua vez carrega suas próprias concepções de saúde e doença. Então surge o questionamento: como a medicina popular vê a saúde e a doença? Que concepções são essas? É o que vamos ver agora.

2.3 A etiologia da doença na medicina popular

Dos céus ou das entidades malélicas? Da calma vida em meio à natureza, ou da agitação urbana? Fundamentos físicos ou psicológicos? Externos ou internos? Qual é a etiologia das doenças na medicina popular? Como elas são pensadas quanto às suas causas? Sob a luz das categorias etiológicas defendidas por François Laplantine, vamos ver que elas podem ser classificadas tanto na forma ontológica, quanto na forma funcional, ou seja, a doença pode ter sua origem tanto no exterior quanto no interior no corpo do doente.

No ontológico temos os males reconhecidamente adquiridos por elementos naturais - no sentido aqui de biológico - ou que possuam algum agente patogênico externo, o que nos oferece uma noção de entidade mórbida independente. Nesse grupo há, por exemplo, doenças reconhecidamente causadas por agentes físicos, a gripe, o sarampo e a catapora; mas também, o mau-olhado, o quebranto e o feitiço, que aí se enquadram por sua exterioridade com o corpo de quem os recebe. Isso pode ser denotado até mesmo no linguajar popular, pois nunca se diz que

alguém desenvolveu um feitiço, quebranto, ou mau-olhado, mas sim que “Fulano pegou um quebranto. Sicrano pôs um feitiço, ou mau-olhado em Beltrano”. O quebranto, o feitiço, não são inerentes a quem os recebe, mas sim sempre algo que vem de fora, pelas vias do sobrenatural.

Que o ontológico se caracteriza pela exterioridade, e que por esse motivo o quebranto, mau-olhado e feitiço aí se encaixam, já sabemos. Mas aí surge o questionamento: a necessidade de um agente patogênico não excluiria esses males do ontológico e os encaixaria no funcional? Quebranto tem agente patogênico?

Aí é que não devemos fazer confusão. Apesar de quebranto, mau-olhado e feitiço não possuírem um agente patogênico biológico, natural, e cientificamente determinado, como é o caso por exemplo do vírus *Influenza* na gripe; na medicina popular, eles possuem sim um causador, que são as forças místicas ou mágicas, a energia, as forças enviadas pelo sobrenatural, uma “coisa” que vem de fora. E, para o doente que procura no caso, uma rezadeira, ou vai a um terreiro, ou reúne resignadamente poucos recursos financeiros para empreender uma romaria, essas causas são reais, quase palpáveis até. Daí então o motivo de estarem classificadas no ontológico. Podemos ainda incluir no ontológico: as pragas, o encanto, o mau-agouro de determinados animais, e fenômenos atmosféricos, como a “força da lua”.

Quando a “família”, a “sociedade”, “os gênios”, “os ancestrais”, “os sortilégios” são apreendidos como entidades morbíficas, a doença não aparece mais como pertencendo à ordem da alteração, mas sim da *alteridade*; não mais pertencendo à ordem da variação quantitativa, mas da invasão, da agressão (ou da escolha) ou seja, da diferença *qualitativa*. Então, encontramos um modelo deliberadamente *dualista* e não mais monista: existem duas realidades antagônicas que se defrontam: o paciente e uma adversidade mórbida. E, como nas sociedades tradicionais – ou nos aspectos mais tradicionais de nossas sociedades –, eles não são (ou não são apenas) metáforas. (LAPLANTINE, 2004, p. 65).

Já no funcional, ou relacional, temos os males decorrentes da transgressão e da reação do organismo do próprio indivíduo a determinados elementos; o doente como gerador de seu próprio mal. Nesse grupo incluímos a ingestão de comidas “reimosas”, ou seja, comidas que têm a popular “reima”; a quebra de tabus; o sangue-grosso ou fino, que no popular seriam os causadores de irritações na pele; e o excesso de sangue, tendo o portador desse mal a obrigatoriedade em doar sangue constantemente, senão será acometido pela loucura. É interessante observar a relação do último caso e a sangria, que era realizada pela medicina oficial

até a metade do século XIX, a fim de tornar “menos denso” o sangue dos indivíduos e assim, manter a saúde.

Os casos que se situam, na medicina popular, na extremidade entre ontológico e funcional surgem da idéia dos males que teriam origem celeste ou divina. As doenças com esse caráter, podem tanto ser vistas como decorrentes do “pecado”, o que seria uma doença-punição, e aí relacionais; quanto causadas pelo acaso ou Deus, na figura de “destino”, em que o enfermo não teria nenhuma responsabilidade, nesse caso, doença-maldição, incluída no modelo ontológico.

Quando a doença assume o caráter de punição ela é vista como uma consequência de determinada atitude do doente, no caso o pecado. Há nele toda uma carga de culpabilidade, o indivíduo seria então o gerador do próprio mal. A doença vem como uma espécie de reação a uma infração, quebra de regras. Não há nenhum elemento patológico como determinante pelo mal, a não ser o próprio doente. A doença se reveste, portanto, de um caráter endógeno, relacional.

Como exemplo da visão de doença-punição podemos citar os males decorrentes do descumprimento de recomendações religiosas, como retratada no seguinte trecho bíblico:

Mas, se não me ouvirdes, e não cumprirdes todos estes mandamentos; se rejeitardes os meus estatutos, e a vossa alma se aborrecer dos meus juízos a ponto de não cumprir todos os meus mandamentos, e violardes a minha aliança, então eu vos farei isto: porei sobre vós, a tísica e a febre dos olhos e definhar a vida; e semeareis debalde a vossa semente, porque os vossos inimigos a comerão. (A BÍBLIA SAGRADA, 1969, LEVÍTICO, 26:14-16).

Na doença-maldição o que ocorre é totalmente o contrário. O indivíduo nesse caso é “inocente”, ele nada fez para merecer tal sofrimento. O externo seria o maléfico, o hostil; a doença é algo que ocorre independente das ações do doente, é uma fatalidade. A afecção apresenta um caráter exógeno, ontológico. Para exemplificar esse caso recorreremos ao exemplo de Laplantine, citando o bíblico Jó, que, apesar de ser classificado como justo, sofre várias adversidades durante a vida, inclusive doenças: “Assim, Jó, sentado em seu monte de cinzas e sofrendo de dores em todos os seus membros, não vive a experiência do pecado, uma vez que não o cometeu, mas sofre da maldição divina que se abateu sobre ele” (LAPLANTINE, 2004, p. 227).

Não é nossa intenção aqui traçar quadros ou tabelas com todas as doenças conhecidas e situá-las dentro dos modelos ontológico ou relacional, atividade que, por sinal, seria por demais árdua. O que pretendemos é mostrar que, na medicina popular as doenças podem ser vistas,

quanto à sua origem, de forma exógena ou endógena; ou ainda na extremidade entre essas duas classificações; e que o correto entendimento dessas divisões acarreta numa melhor visualização das terapêuticas populares.

Percebemos então o modo como a medicina popular vê a origem das doenças. E o doente? Quem são essas pessoas que buscam métodos populares de cura? Que fatores fazem com que procurem tais práticas? Será que diferem do paciente da medicina “oficial”?

2.4 O doente na medicina popular

Vimos anteriormente que doença e saúde são conceitos culturais e temporais, e ainda, que cada sociedade absorve certas concepções de enfermidade de acordo com seus padrões culturais, em detrimento de outras. Por isso, ao analisarmos a figura do doente, do paciente na medicina popular, devemos levar em consideração a cultura.

Todo aquele que, ao ver-se acometido de um mal, opta por buscar a cura na medicina popular, o faz de acordo com suas percepções de saúde e doença. Concepções pessoais essas que, por sua vez, estão inseridas dentro das aceções de enfermidade e saúde de sua cultura. Exemplificando isso no caso das rezadeiras, podemos afirmar que, se determinado indivíduo crê que o cobreiro (*herpes zoster*) é uma enfermidade não passível de ser curada pelo médico, mas sim pela rezadeira; ou se outro acredita que a apatia de seu filho não é outra coisa senão quebranto, então ambos irão procurar a rezadeira. É a cultura que age mais do que apenas um fator decisivo entre a escolha de ir ao médico ou à rezadeira. Na verdade, ela impele o indivíduo a crer que aquela é a única opção, o único caminho pelo qual ele obterá sua cura. Portanto, ao contrário do que se pode imaginar, para esse doente não há um conflito entre as duas medicinas, a popular e a oficial; não há fatores de dúvida, pois sendo a medicina popular a única tida como apta para curar os chamados “males de reza”, a medicina oficial não chega nem sequer a ser pensada como meio para o restabelecimento de tal paciente. Acerca da influência dos fatores culturais de onde está situado o suposto enfermo sobre as suas aceções individuais de saúde e cura, cita Lévi – Strauss:

...um indivíduo, consciente de ser objeto de um malefício, é intimamente persuadido, pelas mais solenes tradições de seu grupo, de que está condenado; parentes e amigos partilham dessa certeza. Desde então, a comunidade se retrai: afasta-se do maldito, conduz-se a seu respeito como se fosse, não apenas já

morto, mas fonte de perigo para o seu círculo; em cada ocasião e por todas as suas condutas, o corpo social sugere a morte à infeliz vítima, que não pretende mais escapar àquilo que ela considera como seu destino inelutável. Logo, aliás, celebram-se por ela os ritos sagrados que a conduzirão ao reino das sombras. Incontinenti, brutalmente privado de todos os seus elos familiares e sociais, excluído de todas as funções e atividades pelas quais o indivíduo tomava consciência de si mesmo, depois encontrando essas forças tão imperiosas novamente conjuradas, mas somente para bani-lo do mundo dos vivos, o enfeitiçado cede à ação combinada do intenso horror que experimenta, da retirada súbita e total dos múltiplos sistemas de referência fornecidos pela convivência com o grupo, enfim, à sua inversão decisiva de que, vivo, sujeito de direitos e de obrigações, o proclama morto, objeto de temores, de ritos de proibições. A integridade física não resiste à dissolução da personalidade social. (1971, p. 194).

No entanto, é importante ressaltar que, esse raciocínio, essa dupla opção, e até mesmo o pretense conflito entre as duas medicinas, só se aplica às sociedades em que, de fato, as duas coexistem, o que ocorre quando se pensa em rezadeiras atualmente. Mesmo em locais os mais isolados, nos rincões mais distantes de nosso país, apesar da enorme carência de nosso sistema de saúde, os braços da medicina oficial já chegaram (excluindo – se nesse caso apenas algumas comunidades indígenas amazônicas que resistem a tal processo), tocando com a ponta de seus dedos as chagas que a medicina popular não conseguiu curar. Devido a esse contato mais intenso decorre a razão da existência da dupla classificação das doenças: a de médico, ou “de dotô”; e as “de reza”, o que seria impossível de ser pensado, pelo menos nessa dualidade, em uma sociedade como, por exemplo, os antigos xamanísticos samoiedos siberianos, ou até mesmo uma pequena comunidade do sertão nordestino do século XIX. Para a primeira, o xamanismo, o mágico, não dividia na mente dos enfermos nenhum espaço com outras práticas, pois de fato era a única conhecida e aceita pelo grupo. Para a segunda organização social, apenas resquícios de uma cultura médica oficial chegavam à ela, que, antes de fazer distinções, os aglutinavam dentro de sua medicina, ou reinterpretavam, dando novos significados às práticas, de acordo com seus conceitos culturais.

Um curioso exemplo de como a cultura influencia nas visões de saúde e doença de determinada sociedade é o divertido relato que o folclorista Alceu Maynard Araújo faz em seu livro “Medicina Rústica”, quando pesquisava, para compor a obra citada, a medicina popular

realizada na cidade de Piaçabuçu, no Estado de Alagoas. Devido ao seu constante contato com benzedeiros, curadores-de-cobra e doutores de raízes, e talvez ainda pelo fato de ser uma pessoa letrada e de fora da região, Araújo, conquistou em pouco tempo, na pequena Piaçabuçu, a alcunha de “dotô polista”. Junto com ela, o antropólogo ganhou ainda a fama de ser capaz de “curar de cobra”. Certo dia então, enquanto Araújo realizava suas pesquisas, chega-lhe um “ofendido”, ou seja, um rapaz picado por uma cobra, lhe pedindo auxílio. Recorrendo ao seu enorme cabedal de conhecimentos acerca da medicina popular, à noção de como a cultura daquela cidade exercia sua influência sobre as noções de saúde, doença e cura para seus moradores, e a um tanto de esperteza, Araújo pediu ao rapaz que se dirigisse ao sobrado em que morava; e à pessoa a qual havia lhe levado o “ofendido”, que providenciasse um ramo de juremeira, planta com qualidades mágicas para os praticantes do Toré. Ao chegar ao sobrado, Araújo lá encontra os dois rapazes, o “ofendido”, e o outro, com a folha de Juremeira. Antropólogo e “ofendido” sobem até o quarto, e, citando trechos de Homero em latim, forjando estar realizando uma benzedura, Araújo induz o rapaz a cobrir a cabeça e tirar as calças, de modo que pudesse aplicar-lhe uma injeção de soro antiofídico - que sempre carregava consigo em uma maleta de medicamentos - sem que o enfermo percebesse. Para dissimular a dor da picada, o antropólogo diz então ao rapaz que aquilo que sentia era a cobra que o havia “ofendido” e que tinha aparecido novamente; a nova picada lhe ofereceria um contraveneno. Ao fim de tudo, Alceu havia administrado-lhe o soro, o rapaz, obviamente havia sido salvo, e a fama de Araújo, de “reza forte” alastrou-se pela pequena cidade.

Caminhando pelo caminho do povo (...) para atingir a meta colimada, a cura de um “ofendido” que só acreditava no poder dos benzimentos e jamais do soro, um “beradeiro” cujo nome não nos lembramos. (...) Ele durante algum tempo ficou crendo em nosso poderoso e medicinal latinório escolar como sendo reza forte, pois só mais tarde é que lhe contamos que o que salvou foi o soro do Instituto Butantã. (...) Procedemos assim, pois tínhamos a certeza de que era essa única maneira de curar esse jovem. (ARAÚJO, 2004, p.257).

Um doente que procura uma rezadeira não o faz primeiramente por fatores sociais e econômicos, mas sim por aquela prática possuir todo um respaldo cultural para tanto. Por isso, equivocadamente, muitos acreditam ser o recurso à medicina popular próprio aos iletrados, aos moradores de áreas rurais, aos excluídos do sistema médico-oficial, em suma, aos tidos “ignorantes”. No entanto, o que se vê, e especialmente quando falamos do foco do nosso trabalho, a rezadeira, é pessoas da mais ampla graduação social e acadêmica recorrerem à

medicina popular para aplacar os seus sofrimentos, e assim afastar o espectro da morte. Isso deve-se sem dúvida, por mínima que seja, à crença de que aquele procedimento lhe será eficaz. Em suma, deve-se principalmente à fatores culturais, e não econômicos.

Para abordar outro ponto que gostaríamos de destacar acerca da situação do doente na medicina popular, primeiramente vamos apresentar um relato coletado por Franz Boas e que encontramos na obra de Lévi-Strauss. Trata-se da autobiografia de um personagem indígena chamado Quesalid, que viveu na região de Vancouver, no Canadá.

Quesalid era um ferrenho cético acerca do trabalho dos xamãs. No entanto, por desconhecer suas práticas, ele não conseguia obter fortes argumentos para desmascará-los. Curioso, e com o anseio de mostrar a farsa no procedimento xamanístico, ele decide procurar alguns xamãs e pedir que os ensinassem as suas técnicas. Um deles aceita, e pede que, para isso, Quesalid entre em seu grupo.

Após algumas lições, Quesalid estava ainda mais convencido de que a cura xamanística não passava de uma farsa, o que relata em suas anotações. As práticas que lhe foram ensinadas consistiam por: ilusionismo, representação gestual, conhecimentos empíricos, a arte de fingir o desfalecimento, a simulação de crises nervosas, o aprendizado de cantos mágicos, a técnica para se fazer vomitar, noções de obstetrícia, o emprego de espiões encarregados de escutar as conversações privadas e de relatar secretamente ao xamã os elementos de informação sobre a origem e os sintomas dos males sofridos por alguém, e ainda, o uso de um pequeno tufo de penugem que, escondido num canto de sua boca, era expectorado todo ensangüentado no momento em que o xamã realizava sua cura. Para causar tal efeito no tufo, o xamã mordida a própria língua ou fazia brotar sangue de suas gengivas.

Apesar de desprezar as práticas que aprendia, Quesalid passou a ser visto na região em que morava também como capaz de curar, devido à sua proximidade que tinha com outros xamãs. Certo dia, é chamado por uma família para curar um ente doente, alegando que o enfermo havia sonhado com Quesalid realizando sua cura. Hesitante inicialmente, ele decide realizar a cura do doente.

Coincidência ou não, o fato é que o enfermo sarou, e a alcunha de “grande xamã” de Quesalid se alastrou. Mesmo assim ele não perde o seu senso crítico e acredita que a cura do doente decorreria de fatores psicológicos. “...porque o doente acreditava firmemente no sonho que tivera a meu respeito”, relata em sua autobiografia. (LÉVI- STRAUSS, 1971, p.203).

Em outra ocasião, ao visitar uma tribo vizinha, Quesalid constata uma técnica de cura ainda mais falsa da qual havia aprendido: o xamã local cuspiu na mão e alegava estar ali a doença extraída do paciente. Quesalid solicitou à tribo mostrar sua técnica, que oferecia uma materialidade mais forte para a doença, o tufo ensangüentado. A tribo, após ver a demonstração de Quesalid, decreta-o como verdadeiro xamã e o antigo, que apresentava a técnica do cuspe, como incapaz de curar.

E Quesalid segue com sua enorme fama, sempre demonstrando a técnica do tufo ensangüentado, que era imediatamente aceita como “a verdadeira” pelas tribos pelas quais percorria. O relato das peripécias prossegue e revela em seu final um Quesalid não tão caloroso em suas críticas acerca do xamanismo. “Uma vez apenas, vi um xamã que tratava os doentes por sucção; e não pude jamais descobrir se ele era um verdadeiro xamã ou um dissimulador. Por esta razão apenas, eu creio que ele era um xamã: ele não permitia àqueles que havia curado que lhe pagassem. E em verdade, eu não o vi rir uma única vez.” (LÉVI-STRAUSS, 1971, p. 206).

Ele já oscilava em relação ao xamanismo. Agora, já era possível existirem xamãs, diferentemente de suas idéias presentes no início da narrativa. De fato, o que os relatos revelam, é que, tamanha era a crença por parte das pessoas de que ele era um xamã, que até ele próprio passava a crer naquilo.

Daí então chegamos ao ponto que gostaríamos de abordar: o papel do próprio doente na construção daquele que irá curá-lo. É interessante relacionarmos essa narração com a mesma relatada por Araújo e ver que, nos dois casos, ambos os curadores supostamente, ou em princípio, não acreditavam naquilo; não tinham, seja o xamanismo ou as benzeduras, como práticas de cura eficazes. Mas, devido ao seu convívio com outros curadores, ambos foram classificados pela comunidade à qual pertenciam naquele momento como aptos a curar também. De fato, não foram Quesalid e Araújo que edificaram suas imagens de portadores de poderes de cura, mas sim os próprios doentes. “Quesalid não se tornou um grande feiticeiro porque curava doentes, ele curava seus doentes porque se tinha tornado um grande feiticeiro.” (LÉVI-STRAUSS, 1971, p. 208).

Diferentemente da medicina oficial, em que o doente não é ativo na construção da figura do médico, na medicina popular cabe a ele atuar num papel primordial, na medida em que sua fé em determinado indivíduo ser capaz de lhe curar acaba por “instituir-lhe dons”. Reside na crença de que aquela pessoa lhe tirará da enfermidade o verdadeiro aval da eficácia do curador, seja xamã, seja rezadeira, e não em diplomas e cursos de especialização. A partir desses relatos podemos ilustrar ainda o quanto o fato de o paciente estar em sintonia com as práticas realizadas

pela medicina popular, devido às suas concepções culturais, faz dele mais do que um cliente, como no caso da medicina oficial; mas um ator, participante, que atua na permanência de tais ritos. É a comunhão nas acepções de saúde, doença e cura, entre doentes e rezadeiras - decorrência direta de suas culturas - que faz com que essa prática subsista. Não é do fato de enquanto existirem doentes existirão também rezadeiras, e sim, de enquanto existirem doentes que acreditem nelas.

Outro ponto interessante, esse no caso somente de Quesalid, é o fato de que, de tanto ele ter “realizado curas”, passou a acreditar, ou pelo menos não duvidar tanto na possibilidade de elas ocorrerem. Daí então, fazendo uma relação com as rezadeiras, podemos afirmar que, não somente o doente, mas também ela própria, a rezadeira, passa a crer no poder o qual lhe é creditado. O consenso social faz dela uma rezadeira, e ela não duvida disso.

...a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e a exigência da opinião coletiva, que formam a cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça. (LÉVI-STRAUSS, 1971, p 195).

Além da crença, como já dissemos, uma decorrência direta da cultura, ainda há outros aspectos que levam um determinado doente a procurar respostas às suas enfermidades na medicina popular, que são: a proximidade do doente-terapeuta, que muitas vezes o conhece na sua intimidade; e ainda, de as terapias populares possuírem espaços abertos para a subjetividade do paciente.

Enquanto a intervenção médica oficial pretende apenas fornecer uma explicação experimental dos mecanismos químico-biológicos da morbidez e dos meios eficazes para controlá-los, as medicinas populares associam uma *resposta integral* a uma série de insatisfações (não apenas somáticas, mas psicológicas, sociais, espirituais para alguns e existenciais para todos) que o racionalismo social não se mostra, sem dúvida disposto a eliminar. O que constitui o sucesso e a perenidade dessas terapias (e que nos permite também perceber mais nitidamente o que é negado pela medicina erudita) é o fato de o indivíduo doente jamais chegar a se *conformar* com a questão do porquê (porquê me encontro neste estado e porquê eu?) de sua doença. (LAPLANTINE, 2004, p. 220).

2.5 Medicina popular e religião

Saúde e salvação, quais relações podem ter esses dois conceitos? Além da mesma derivação etimológica, essas palavras tornam-se ainda mais próximas quando falamos de fé religiosa e fé na medicina; quando abordamos saúde do corpo e salvação do espírito, ou o seu inverso; e ainda quando relacionamos medicina popular e religião.

Quando paramos para pensar em religião, focando o seu aspecto de promessa de salvação, o que nos vem à mente? Provavelmente a maioria de nós irá lembrar da idéia de céu, de transcendental, de espiritual, redenção. Mas, se pensarmos mais um pouco, veremos que também está incutido, em meio ao seu discurso de salvação religiosa, a cura das doenças, o fim das dores e do sofrimento, ou seja a salvação física.

Para ilustrar melhor nossas reflexões tomemos como exemplo o Cristianismo, que possui fortes influências sobre o trabalho rezadeiras. Na Bíblia, na parte que engloba o Novo Testamento - sem entrar aqui no mérito da veracidade de tais escrituras - encontramos as narrativas de episódios vividos por Cristo. Nos quatro evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João, podemos perceber, envolvendo as mensagens de “salvação em outro plano”, um texto marcado pela enfática recorrência na descrição de dois momentos que ocorriam durante a peregrinação de Jesus: as parábolas, com seus conteúdos moralísticos destinados a uma presumida redenção espiritual; e os atos milagrosos de cura, abordando a redenção pelo físico. Nas quatro escrituras encontramos ainda a imagem de um Cristo classificado com “salvador”. “...é que hoje vos nasceu na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (A BÍBLIA SAGRADA, 1969, LUCAS, 2:11)

Para se ter uma idéia da importância da idéia de cura na Bíblia, no evangelho segundo Marcos, em 16 capítulos, encontramos por 16 vezes a menção à cura de enfermidades: a cura de um endemoninhado em Cafarnaum; a cura da sogra de Pedro; muitas outras curas; Jesus se retira para orar; a cura de um leproso; a cura de um paralítico em Cafarnaum; o homem da mão ressequida; Jesus se retira. A cura de muitos à beira-mar; a cura de um endemoninhado em Geraseno; o pedido de Jairo; a cura de uma mulher enferma; a cura de um surdo e gago; a cura de um cego em Betsaida; a cura de um jovem possesso; a cura do cego de Jericó e a ordem da evangelização.

Dois trechos que ressaltaremos agora podem nos mostrar bem essa tenuidade entre o físico e o espiritual no ideal cristão de salvação. As passagens são: a cura da mulher enferma e a ordem de evangelização.

Aconteceu que certa mulher, que havia doze anos vinha sofrendo de uma hemorragia e muito padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem, contudo, nada aproveitar, antes pelo contrário, indo a pior, tendo ouvido a fama de Jesus, vindo por trás dele, por entre a multidão tocou-lhe a veste. (...) E logo se estancou a hemorragia, e sentiu no corpo curada do seu flagelo (...) E ele lhe disse: “Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz, e fica livre do teu mal.” (A BÍBLIA SAGRADA, 1969, MARCOS, 5:25-34).

Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado. Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome expelirão demônios, falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal, se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados. (A BÍBLIA SAGRADA, 1969, MARCOS 16:16-18).

“Filha, a tua fé te salvou”, “Quem crer será salvo” e “...enfermos, eles ficarão curados”, nos revelam a transcendência da salvação espiritual-religiosa para o plano físico. Segundo o discurso religioso a fé salva. E se salvar-se é ver-se livre do martírio causado pelos pecados, então a fé cura.

Ressaltamos aqui que não nos estenderemos na proximidade na ideologia cristã dos ideais de salvação e cura, relação essa bastante reforçada historicamente, na medida em que o nosso interesse não é traçar uma história do cristianismo e cura. Nossa intenção aqui foi de mostrar que, na religião, inerente ao ideal de salvação espiritual há o de salvação física também. E como já dissemos, o fato de escolhermos o cristianismo, deve-se à enorme influência que exerce sobre o trabalho das rezadeiras, com suas rezas e santos, e ainda por ser declarada, por elas próprias, pelo menos em um momento inicial, como a religião a qual seguem. Esse ideal de cura é recorrente em praticamente todas as religiões, que têm em suas práticas e orações, e aqui não fugindo ao duplo sentido que pode sugerir o termo, promessas de cura miraculosas.

E quando pensamos em medicina, no caso aqui a tida como oficial, que idéia de salvação nos vem à mente? Obviamente a de salvação do corpo, de saúde. No entanto, assim como no outro caso, se insistirmos um pouco mais na nossa reflexão, chegaremos à visão da

libertação do sofrimento, da perfeição e da redenção, ou seja, uma visão religiosa da medicina, como algo que irá desagrilhoar o homem da sua condição de efêmero.

A crença em um progresso infinito que levará o ser humano à saúde absoluta, através da eliminação gradual de todas as doenças da cidade, por fim totalmente medicalizada, fundamenta-se em uma esperança messiânica (...) a medicina contemporânea é tão religiosa quanto as religiões que se apresentam como tais: ela não mais se contenta com anunciar a salvação após a morte, mas afirma que esta pode ser realizada em vida. (LAPLANTINE, 2004, p.241).

Já na medicina popular, de que forma se processa essa relação? Bem mais explícita do que a medicina oficial, é o que se pode afirmar. Romarias, santinhos, promessas, uso de amuletos ou outro tipo de objetos simbólicos, novena terapêutica, ritual, culto a imagens de santos ou entidades, rezas, tudo isso integra, dentre outras, práticas que se situam ao mesmo tempo no campo da religião e da medicina popular. A ida à Juazeiro, a fim de pedir ou agradecer uma graça alcançada; ou à mãe-de-santo para livrar-se de um feitiço; ou ainda à rezadeira para a “quebra” de um mau-olhado, têm em si tanto um caráter de cunho religioso, quanto medicinal, ou de cura. Isso se dá na medida em que a pessoa que procura a cura através de tais práticas, tem de fato verdadeira fé nos seus poderes, inclusive os de sanar enfermidades. A aproximação entre os dois campos, medicina e religião sob a ótica popular é tanta que torna-se até difícil em responder ao questionamento feito por Araújo, em Medicina Rústica, acerca da tenuidade nos limites entre religião e medicina popular: “O apego a um determinado santo é pelo fato de ser uma divindade ou porque proporciona a cura de uma determinada mazela?”.

Se para a medicina oficial atual, com todo o seu ideal de objetividade e distanciamento de práticas religiosas, o pensamento religioso nela tem seu lugar, na medicina popular ele é praticamente algo inerente. Isso graças à toda carga de subjetividade na visão acerca de doença e saúde, que nessa medicina encontra um campo profícuo; à readaptação de saberes médicos; e a todo um contexto cultural propício, em que nele a religião se apresenta como uma espécie de panaceia, que expurga não só da alma, mas também do corpo, todos os males.

...o discurso religioso, mesmo o mais depurado e mais “reformado”, não visa apenas a salvação da alma. Ele fala de outra coisa além do que atribuímos ao religioso no Ocidente contemporâneo: de saúde, ou seja, de medicina. E reciprocamente, o discurso médico que se apresenta como o mais “objetivo” e despojado de qualquer pressuposto religioso fala de um “estado de completo bem-estar físico, mental e social”, ou seja, de juventude, beleza, força,

serenidade, felicidade e paz, em suma, de promessas de salvação comuns a todas as grandes religiões. (LAPLANTINE, 2004, p. 243).

2.6 A terapêutica na medicina popular

Já vimos o modo como doenças e doentes se apresentam na medicina popular, e, também, a forma como a cultura, incluindo-se aí obviamente a religião, exerce sua influência sobre isso. Iremos então agora fazer uma análise acerca da terapêutica popular e ver suas relações com as práticas oficiais; o modo como a percepção popular das doenças pode influenciar os seus métodos de cura; e ainda a sua possibilidade de inserção em modelos terapêuticos.

Como já dissemos, na medicina popular as doenças são percebidas tanto sob a perspectiva ontológica, ou seja, o mal oriundo de um agente externo, quanto relacional, o mal causado pelo próprio doente; e ainda em uma visão que mescla ontológico e relacional em seu interior. E de fato, cada um desses olhares exerce sua influência acerca das terapêuticas.

Tomemos por exemplo uma afecção situada no campo ontológico, como o quebranto. Para a cura do citado mal que afeta o corpo do doente, a rezadeira se vale de suas rezas e seu raminho de planta. Na verdade, ela de fato não “sana a enfermidade” do paciente, mas sim lhe restitui a saúde, retirando-lhe o mal, que manda para “as ondas do mar sagrado”. Como a doença é vista como algo que vem de fora, algo exógeno, que ataca o corpo da pessoa sem a sua direta influência sobre isso, é utilizada uma técnica que seja capaz de expurgar aquele elemento estranho que penetra no corpo, ou seja, uma terapêutica subtrativa. É importante ressaltar que essa expurgação do mal não necessariamente significa, na terapêutica subtrativa, uma exteriorização física, como excreções, sangrias ou retirada de algum órgão; ela pode ser também, como no exemplo do quebranto, algo imaterial, as chamadas forças negativas, ou coisas ruins.

Outro exemplo é com relação aos males endógenos, que têm em si um caráter de desequilíbrio seja por excesso, ou por falta; ou ainda a transgressão, como uma quebra de tabu alimentar. Nesse caso, se determinado indivíduo ingere um alimento tido como “reimoso” e porventura passe mal, poder-se-á ser administrado a ele algum chá. A doença não apresenta nenhum agente patológico exterior, a não ser a própria reação da pessoa ao alimento. O chá atua aí então como um agente que adiciona algo, numa terapêutica aditiva, uma vez que traz os elementos que equilibrarão novamente o organismo do doente. Nada é “retirado” do corpo do indivíduo, mas sim “adicionado”, a fim de que ele retome o seu equilíbrio fisiológico.

No entanto, após esses exemplos, não devemos nos apressar e concluir que, quando uma doença é vista com seu caráter exógeno em relação à sua causa, a terapêutica será sempre subtrativa; ou se o mal apresenta um caráter endógeno, em que sua causa é atribuída essencialmente a uma perda, no caso de um determinado equilíbrio, a cura virá através de práticas aditivas. De fato, na maioria das vezes essa relação direta pode ocorrer, mas isso não se constitui uma regra. Como exemplo, temos o uso de purgantes, amplamente usado na medicina popular. Usado como agente excretor, subtrativo, o purgante é empregado essencialmente no caso do “sangre grosso”, mal incluído na vertente endógena. Portanto, concluímos que, na medicina popular, há uma certa relação entre terapias e práticas, tendo em vista as suas classificações, mas isso ocorre de uma forma flexível, visto que uma doença endógena pode apresentar uma terapia do grupo subtrativo, ou uma exógena, do grupo aditivo; e até mesmo uma afecção apresentar várias terapias com caracteres distintos.

Mas a partir daí podemos pensar: de que forma podemos classificar a terapêutica popular? Os modelos aditivo e subtrativo conseguem englobar em si tais práticas de cura? Aí precisamos também de mais um pouquinho de calma para ver que os modelos aditivo e subtrativo de cura conseguem englobar sim as terapêuticas populares. O que afirmamos anteriormente é que a sua relação com a enfermidade não se efetua sempre de forma tão direta – ontológico – subtrativo e relacional – aditivo, mas sim com toda uma dinamicidade, própria às práticas populares. No entanto, antes de apresentarmos as práticas de cura em classificações, temos de abordar as duas subdivisões da terapêutica subtrativa: a alopática e a homeopática.

Na terapêutica alopática subtrativa temos uma agressão frontal à doença. O curador, através de suas técnicas trava um verdadeiro embate com o mal, que deve ser exterminado do corpo do paciente.

O curandeiro campesino, com a ajuda de uma gesticulação ofensiva e conjuratória, muito próxima da do exorcismo propriamente dito, que ainda é a arma de guerra do catolicismo terapêutico, ataca o mal, por assim dizer como guerreiro, “barrando-o”, “cruzando-o” ou “cortando-o”. Ele procede a uma mobilização de imagens em torno do traçado da cruz, encarregada de ligar e desligar as forças antagônicas presentes, através da fórmula que deve ser mantida secreta (“eu te corto e recorto”; “eu te cruzo e recruzo”...) e de ingredientes animais e, com mais freqüência, vegetais que são objetos-

substitutivos mantendo com a doença uma relação de analogia ou de analogia inversa. (LAPLANTINE, 2004, p. 178).

Já na terapêutica subtrativa homeopática a cura segue o princípio das similitudes, que consiste em proscreever um remédio que proporcione no doente os mesmos sintomas da doença. Como exemplo disso temos a crença de que se deve fazer suar o indivíduo febril a fim de que a febre, considerada como um calor interior, saia do seu corpo. É o quente pelo quente.

...da mesma forma que o sintoma não é mais considerado como um elemento hostil, ou seja, uma alteração intrinsecamente má que deve ser eliminada por um antagonista, o veneno também não é mais considerado um inimigo, pois acredita-se que ele contém em si o próprio princípio da cura, e o terapeuta é aquele que sabe extrair o remédio a partir da planta venenosa e, portanto, utilizar o mal voltando-o contra o próprio mal. (LAPLANTINE, 2004, p. 164).

É interessante visualizar ainda dentro da terapêutica subtrativa homeopática juntamente com os seus conceitos de semelhantes, a reza ou promessas para santos aos quais são atribuídos poder de cura de determinadas doenças devido ao fato de, em vida, supostamente terem vivido tais agruras. Um exemplo é Santa Apolônia, considerada na medicina popular como responsável pela cura de dor de dente, e que segundo relatos, antes de ser assassinada teriam lhe sido arrancados todos os dentes e quebrado os maxilares.

Agora que já vimos as subdivisões da terapêutica subtrativa, vamos localizar as técnicas de cura da medicina popular nos modelos aditivo e subtrativo. No subtrativo temos as seguintes práticas que visam tirar os males da pessoa doente: a defumação, balneoterapia, os purgantes, vomitórios e suadouros. Já no aditivo temos práticas que visam a um equilíbrio físico ou também espiritual: os chás, lambedores, garrafadas, cataplasmas, unguentos, uso de amuletos, patuás ou santinhos, e a já com reduzido número de adeptos, excretoterapia.

Com um caráter duplo, tanto aditivas, quanto subtrativas temos as rezas, simpatias, promessas e romarias, devido ao seu aspecto tanto de cura, no caso então subtrativas; quanto de proteção, no caso aditivas, na medida em que trazem ao indivíduo não o fim de uma enfermidade, mas um equilíbrio psicológico ou espiritual.

(...) Assim, o que é pedido não é a extração do mal, mas a prevenção da desgraça por reforço, a eficácia simbólica que impede o surgimento do “ruim” no campo doméstico do indivíduo. (...) Através dessa simbologia aditiva que remete a uma imputação etiológica não por excesso, mas por falta (fraqueza, déficit, falta, enfraquecimento, perda de alguma coisa ou, mais exatamente, o medo de se

perder alguma coisa), a doença não é interpretada no sentido estrito em que a entendemos (apenas) em nossa cultura (bio)médica, mas como um caso particular de uma lógica mais geral – a do mal e da desgraça –, e correlativamente, a busca da saúde vai de par com a busca do sucesso, da fecundidade, da prosperidade e do que poderíamos simplesmente chamar de felicidade. (LAPLANTINE, 2004, p. 182).

Tomando-se então agora as terapêuticas populares face às vias oficiais de cura, podemos nos interrogar: haveria alguma relação entre ambas? Sim, e a primeira delas é que tanto na medicina oficial atual do Ocidente quanto na popular, há uma predominância da terapêutica subtrativa. E a fim de encontramos o porquê disso, novamente recorreremos à cultura como fator de influência na edificação dos conceitos de enfermidade e suas terapêuticas. A predominante concepção ocidental ontológica acerca das doenças e a sua conseqüente terapêutica subtrativa – pois para a visão de uma doença que invade o organismo, nada melhor do que uma terapêutica que possa expurgá-la – encontram no campo religioso os seus maiores alicerces. E ao falarmos de religião não podemos deixar de citar o Cristianismo devido tanto à sua influência no trabalho das rezadeiras, quanto sobre a medicina ocidental, que encontrou sobretudo na Europa cristã grande parte de seus conhecimentos.

Embora nas origens da fé cristã sob o homem recaiam concepções relacionais da origem do mal - com a ideia do pecado original devido à expulsão de Adão e Eva do paraíso - é com a figura de Jesus que ele encontra uma espécie de meia “redenção”. O mal, o pecado, e a origem das doenças, por consequência ganham, a partir daí ares muito mais ontológicos do que relacionais, na medida em que é o demônio, as forças obscuras, que trariam o mal para o homem, como no caso dos possessos. Para o cristão, Deus enviou seu filho ao mundo, Jesus, a fim de salvar o homem de seus pecados. Os males, e daí se incluem não somente os pecados, mas também as doenças, não surgiram mais como algo tão inexorável; o homem seria capaz, através da fé de livrar-se dele, de expurgá-lo. Com isso temos as bases para a prática do exorcismo, que por muito tempo situou-se no limite entre medicina e religião.

Estaríamos errados em acreditar, por exemplo, que a medicina que qualificamos de científica acabou por impor-se tomando de assalto o lugar de uma outra medicina. Suas condições de imposição e, como consequência, de sucesso só podem ser explicadas se levarmos em conta o fato de que ela encontrou um terreno social (e principalmente religioso) favorável à sua eclosão. (...) uma das tradições dominantes do cristianismo em termos etiológicos certamente facilitou

a adoção da patogenia microbiana infecciosa e contribuiu para seu sucesso. De um ponto de vista Cristão, com efeito, a doença é considerada menos como negação, ausência (como é o caso no Islão ortodoxo) que como presença intempestiva que força sua entrada e apela para uma prática de exorcismo. O que nos explica passarmos sem descontinuidade do “Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo” para a intervenção cirúrgica, que procede igualmente pela extração e que se desenvolveu precisamente em terras cristãs (bem como a célebre trilogia subtrativa do purgante, da lavagem e da sangria) e não em terras árabes, onde o Islão ensina que perder sangue torna o muçulmano impuro e onde as intervenções cirúrgicas, como sabemos, foram por longo tempo proibidas. (LAPLANTINE, 2004, p. 42).

Devemos mais uma vez ressaltar que a fé cristã é apenas um dos vários fatores culturais que influenciaram a predominância dos modelos ontológico e subtrativo nas medicinas oficial e popular, e que o fato de a termos unicamente citado, e não todos outros, é devido às limitações próprias do nosso trabalho. De fato, pois, se fizéssemos, as imbricações e nuances seriam tantas que praticamente necessitaríamos de outro estudo para dar cabo de forma satisfatória; na razão de ter sido o cristianismo a ideologia mais amplamente, face a outras crenças, divulgada entre os povos ocidentais, e ainda, relacionando com as rezadeiras, por ser, como já dissemos, a crença que elas primeiramente afirmam como sendo a que seguem.

Visualizando então a medicina popular como além de uma criação, seja por meios empíricos ou crenças religiosas, mas também como uma reinterpretação dos saberes médicos oficiais, poderemos entender melhor a relação entre cristianismo, medicina oficial e medicina popular. E muito mais do que conflitantes, é necessário vermos essas duas medicinas como complementares, na medida em que ambas estão constantemente se influenciando. Prova disso é a atual verdadeira redescoberta da medicina popular pela oficial, pois por todo o mundo não são poucos os projetos e estudos que buscam na medicina popular meios para cura de enfermidades, que por sua vez serão reempregados pela medicina oficial. Outro ponto, é devido às várias práticas na medicina popular utilizadas em busca da cura uma vez já terem sido verdadeiras panaceias da medicina oficial. “Uma boa parte da medicina ‘popular’ não é mais que a medicina oficial e ‘erudita’ do século passado. Com frequência, os curandeiros prescrevem tratamentos outrora em vigor e recomendados por essa medicina do século XIX, mas que foram posteriormente abandonados.” (LAPLANTINE, 2004, p. 184).

Finalizando esse tema, chegamos então à conclusão de que é essencialmente a cultura o campo no qual crescem as concepções de saúde e doença, e que suas terapêuticas resultarão principalmente de sua influência. Nesse ponto ela atua como uma espécie de solo fértil, em que as árvores representativas das visões de saúde e doença irão crescer. E embora um dia nesse solo se desenvolvam tantas árvores, das mais variadas qualidades, a ponto de ser difícil crer que haja alguma relação entre elas, é necessário lembrar que foi sob ele que um dia penetraram suas raízes, e que hoje é o mesmo que as sustenta.

3 TÉCNICA DE CURA NA MEDICINA POPULAR

3.1 Técnicas populares de proteção e aniquilamento dos males

Apesar de ser o tema já bastante percorrido por outros pesquisadores, uma vez abordada como se dá a terapêutica popular, concebemos que não poderíamos deixar de falar quais são os meios pelos quais o povo busca aplacar ou evitar as agruras físicas ou espirituais. A descrição que aqui será feita se baseará em relatos das técnicas populares de cura observadas em pesquisas bibliográficas, conversas com rezadeiras e seus pacientes.

Tomemos como ponto de partida o estudioso Alceu Araújo, em seu livro *Medicina Rústica*, que faz uma classificação dos métodos populares de cura. Na obra, as práticas nos são apresentadas sob a seguinte classificação: medicina mágica, “que procura curar o que de estranho foi colocado pelo sobrenatural no doente, ou extirpar o mal que faz sofrer”; medicina religiosa, “terapêutica para as doenças providas da quebra de um tabu ou desobediência de uma determinação divina ou ainda sanção punitiva de um ser superior”; e medicina empírica “a que se utiliza das ervas, das comidas especiais, das massagens, dos banhos, dos excretos, com o fito de restabelecer a saúde.” (ARAÚJO, 2004, p.58). Na medicina mágica estão situadas as benzeduras (rezas, gesto, oração), simpatias (susto, açoterapia, transferência, práticas, gesto, palavra), a profilaxia mágica (“relique”, patuá, bentinho, amuleto, santinho, talismã), o toré (adivinhação mágica, procura do nome da moléstia, defumação, uso de ervas), e o catolicismo brasileiro (promessa, romaria, novena, confissão). Já na medicina religiosa está somente o candomblé. E por fim, na medicina empírica, estão a fitoterapia (chazinho, mezinha, lambedouro, garrafada, cataplasma, tópico – unguento, purgante, vomitório e suadouro), a excretoterapia, a dieta, a balneoterapia, a sangria, a pirótica e a pingaterapia.

Com base no que já vimos no primeiro capítulo, façamos agora algumas reflexões sobre tal divisão: ao elucidar a sua escolha dos termos medicina mágica e medicina religiosa para classificar determinadas práticas de cura popular, o pesquisador recorre à etiologia da doença, ou seja, “a cura certa para” (mágica – sobrenatural; religiosa – divino). No entanto, quando situa determinadas práticas na medicina empírica, Araújo assim o justifica por outro viés, pelo das terapêuticas, “a cura através”. Ao nosso entender a classificação feita de tal forma, recorrendo em um momento à etiologia e em outro à terapêutica, revela-se falha, pois o mesmo critério de explicação não nos é apresentado. Além disso, compreendemos que o termo empírico se

contrapondo ao religioso, e principalmente ao mágico, revela uma certa carga ideológica. Ora, sabemos da tenuidade que há, nos aspectos religiosos, entre algo ser considerado, ou melhor, visualizado, como tendo um caráter mágico ou religioso. O pesquisador situou em um mesmo patamar mágico a simpatia, que pode ser utilizada como meio de cura para afecções reconhecidas no meio popular tendo origem física, por exemplo o soluço; a reza ou benzedura, por sua vez podendo ser utilizada em afecções de caráter sobrenatural, como o quebranto; e a promessa, que tem - não unicamente - um caráter curativo para afecções de nível espiritual ou divino, como a crença de uma doença advinda para provação celestial da fé do enfermo. Portanto, se a medicina mágica cura doenças com origem no sobrenatural, como nela pode-se encaixar uma terapêutica que compreende cura para males oriundos do divino (promessa) e do físico (susto)? Ademais, o termo empírico surge na classificação com ares de “o que pode ser comprovado”, com uma carga de “pode ser verdade, pode ter fundamento”, já o mágico e o religioso, como crenças, terapias sem fundamento científico. Esse pensamento se revela também errôneo na medida em que a administração de determinadas terapias fitoterápicas apresenta mais um viés sobrenatural do que mesmo empírico. Como exemplo citamos cita Jósia Magalhães:

Há um cogumelo, popularmente nomeado *orelha de pau*, que nasce e se desenvolve à superfície das madeiras ressequidas. Quando nasce e se desenvolve nos braços de uma cruz que, chantada à ilharga das rodovias, assinala o sítio em que, por acidente ou assassinio, morreu um indivíduo, é recolhido para a feitura de chá contra asma. (MAGALHÃES, 1966, p. 87).

Outro interessante relato do uso de elementos vegetais com um cunho sobrenatural vemos em Eduardo Campos.

O cedro tem sua aplicação para as mais diversas doenças no sertão. Sebastião Almeida Oliveira lembra-nos com muita oportunidade: Chá de fôlha de cedro (*Cedrela brasiliensis*) cura qualquer doença; preciso é, no entanto, que as folhas sejam fornecidas por árvores brotadas de estacas em forma de cruz. (CAMPOS, 1955, p. 86).

Sobre este assunto, gostaríamos de citar ainda Araújo:

Na época da nossa pesquisa estava se processando um surto de caxumba na cidade. Vimos duas pessoas, uma mocinha de 16 anos, mais ou menos, branca, com um colar feito de pedacinhos de “carrapateira”, espécie de canudo de mamona em pequenos pedaços e enfiados num cordão e a seguir amarrado ao pescoço. Um homem preto, com um colar também feito daquele mesmo jeito,

procurando com tal colar livrar-se da “papeira” que o atacou. No primeiro caso, a mãe da mocinha havia amarrado no colar de talos da mamona mais três dentes de alho. (ARAÚJO, 2004, p. 262).

Outros aspectos que não concordamos na classificação do já citado autor são: a ausência de uma localização clara para as terapêuticas que se utilizam de recursos animais, a fragilidade da determinação das simpatias, uma vez que observamos algumas delas como verdadeiras auto-beneduras, o emprego do termo dieta relacionado somente à alimentação, e o termo açoterapia descrevendo o uso de metais em curas.

Por isso, para efeito de melhor visualização de como se apresentam as práticas populares, tentaremos aqui fazer uma nova classificação das terapêuticas populares, desta vez com foco no que consideramos os agentes de cura. Assim fazemos tendo em mente a concepção de que os meios de cura não apresentam um caráter único, mas múltiplo, que muitas vezes se interpenetram, e de que todos esses métodos, mesmo os mais científicos que sejam, sempre dependem em que os recebe algum grau de crença ou fé. Ressaltamos ainda que, a título de fazermos um elo direto com o nosso foco de estudos, e reconhecendo da profundidade maior que requerem os temas, deixaremos de lado o toré e o candomblé.

Ao nosso entender as terapêuticas populares podem ser divididas, reafirmando aqui que essas determinações não são rígidas, em terapias que apelam a agentes físicos e as que apelam a agentes espirituais. E como se dá isso? Bem, da seguinte forma: embora na crença popular - recorrendo aqui para o âmbito das rezadeiras – a cura se dê sempre sob o humor das entidades, sejam elas divinas ou sobrenaturais, percebemos que algumas terapêuticas estão qualificadas por técnicas primordialmente baseadas no físico. Para explicitar melhor, vamos pegar como exemplo o purgante, que na medicina popular, é utilizado para a cura de para vários males, dentre eles, o sangue grosso.

Imaginemos que determinada pessoa não venha se sentindo bem fisicamente e credite isso à ideia de que esteja com o sangue grosso. Levando ainda em consideração que esse mesmo indivíduo tenha fé na concepção de que as entidades - que aqui podem ir do Deus católico às energias positivas – sejam os responsáveis maiores pela saúde de cada pessoa, provavelmente uma de suas primeiras ações tomadas com o objetivo de sanar-se desse mal, senão mesmo a primeira, é ir à farmácia e comprar um vidrinho de purgante. Inicialmente poderemos pensar: “Se ele recorreu aos recursos da medicina oficial, então é porque nela crê e só a ela assegura credibilidade”. Bem, mas não sejamos tão precipitados. O fato de essa pessoa buscar nos recursos

que a medicina oficial oferece a sua cura, não elimina que esse mesmo indivíduo depois, com uma afecção diferente, vá beber na fonte da medicina popular procurando conforto através de uma rezadeira. Mas principalmente, o que gostaríamos de aqui destacar é o fato de, vendo-se atingido por um mal físico, o nosso personagem apela também a uma terapêutica essencialmente de cunho físico, no caso o purgante, para curar-se. Embora quando questionado o nosso paciente afirme que a cura seria oriunda “dos poderes de Deus”, é ao físico a que ele recorre. As forças divinas ou sobrenaturais não seriam agentes diretos, uma vez que o divino aqui atua mais com sua anuência do que com seu poder.

Mas se o físico é a característica desse agente de cura apelado primordialmente, que terapêuticas nela podemos encaixar? Bem, vejamos uma a uma as terapias que nela se situam: a dieta, os remédios feitos à base de elementos vegetais (cascas, raízes, sementes, folhas) ou animais (banha, pele, carne, unha etc.), e o susto.

Na dieta podemos classificar duas correntes: a que provém a cura através da adição ou subtração de determinados elementos alimentares - a crença dos chamados alimentos “reimosos” - e a que regula as atividades físicas do enfermo, como trabalhar ou até mesmo praticar atos sexuais. Como exemplo da dieta como cura podemos citar a crença de que carne de capote (galinha d’angola) deve ser evitada por mulheres em resguardo (período de descanso pós-concepcional) por ser reimosa, nociva; ou ainda que mulher menstruada deve evitar azedo. Um relato interessante acerca da terapia da dieta cita Jósa Magalhães, sobre a crença reinante na medicina popular de que a ingestão de carne de cobra seria benéfica para o reumatismo.

A cobra, notadamente a cascavel, que é o mais temível dos ofídios, mercê do seu veneno letífero, a despeito da temerosidade que infunde a qualquer pessoa, é integrativa do acervo terapêutico popular. Sua carne e sua banha têm aplicação sobretudo no reumatismo. Ouve-se com frequência: quem come carne de cobra, curado fica de reumatismo. (MAGALHÃES, 1966, p. 150).

E sobre tal terapia o autor ainda completa ironicamente:

Narra J. de Figueiredo filho (“Quando a cobra cascavel deixa de ser terrível” – O Povo, 30.01.63) a odisséia de Adão Apolinário de Alencar que, sendo agredido de insidioso reumatismo e depois de recorrer às luzes de 16 médicos, sem melhora satisfatória, aceitou o conselho de seu amigo Antônio Bezerra de experimentar a carne de cascavel. Gulosamente, comeu 14 cobras, com o que melhorou suficientemente “e entregou-se aos múltiplos afazeres da vida agropecuária. Pasmado com a cópia de médicos a que recorreu o próspero

agricultor Adão Apolinário de Alencar, quero, neste azo, dirigir-lhe mansa advertência com um interessante conceito do muito memorando Miguel Couto: “O doente que tem um médico tem um médico; se tem dois, tem meio-médico; se tem três, não tem médico nenhum, e se tem quatro, ou mais, tem a medicina voltada contra si.” (MAGALHÃES, 1966, p. 150).

Sobre o uso da cobra como provedora de cura na medicina popular percebemos que várias são as terapias e maneiras de se utilizá-la. Desde a carne, a pele, a banha e até mesmo o chocalho, no caso da cascavel, são elementos aproveitados. Face a isso é interessante fazermos um elo entre medicina popular e oficial na medida em que o mesmo animal que se apresenta como símbolo da medicina oficial também é agente de cura na popular. Esse réptil, apesar da peçonha fatal, entre muitos povos foi cultuado como fonte de solução para males físicos e até mesmo detentor da sabedoria terapêutica, como vimos no mito de Asclépio, em que uma serpente lhe revela os dons medicinais.

O culto supersticioso da cobra é sobremaneira antigo. Encontra-se nos fastos históricos de todas as velhas civilizações. A lenda cristã, mercê da qual o diabo se transferira em serpente e induzira Eva a saborear o fruto proibido, decerto muito contribuiu para isto. Para isto, do mesmo passo muito há de ter concorrido a passagem da história mosaica em que Jesus a Moisés faz colocar na extremidade de uma vara uma serpente de bronze, que curava todo mordido de cobra que para ela olhasse. (...) Diz Castiglioni que, “a faculdade de curar estava de tal modo associada à serpente que, entre os povos do Mediterrâneo, era credence divulgada que se poderia adquirir a ciência médica comendo um pedaço desse animal”, e segundo informação de Georg Buschan, “parece que o deus da terapêutica era ordinariamente imaginado sob a forma de serpente e só mais tarde o representaram em forma humana.” (MAGALHÃES, 1966, p. 233,234).

Já sobre a espécie de dieta de atividades, podemos citar o famoso resguardo das mulheres (período de descanso pós-concepcional). Sobre isso nos fala Araújo:

No resguardo há sempre qualquer coisa de mágico, pois a sua inobservância pode produzir uma doença incurável. Os portadores de sequelas de certas moléstias são apontados como quebradores de um resguardo. Às vezes, um remédio não é tão forte quanto ao resguardo; outras vezes, certos remédios

tomados, mas cujo resguardo não é obedecido, são completamente ineficientes. Há no resguardo um fundo sobrenatural. (ARAÚJO, 2004, p. 170).

Uma das terapias mais disseminadas na medicina popular é o uso de remédios feitos à base de elementos vegetais ou animais. Aqui podemos encontrar o tão famoso chazinho, o lambedor, a garrafada, o cataplasma, o unguento, os purgantes, os vomitórios, os suadouros e os preparados à base de cachaça. Ainda temos como fonte de cura as banhas, carnes, tecidos e outros elementos de origem animal. É importante destacarmos aqui a imbricação que tem essa terapia com as dietas, principalmente quando falamos dos remédios preparados com elementos de origem animal. No entanto, observamos que na dieta é a ingestão isolada de tal elemento, como por exemplo a já citada carne de cobra para o fim do reumatismo. Já nos remédios, são apenas elementos, que unidos a outros, podendo ser até mesmo um ritual, que irão sanar o mal. Temos como exemplo o chá de pinto, como descreve Jósa Magalhães:

É uma estranha terapêutica com aplicação às vítimas de facadas e grandes traumatismos. Floro Bartolomeu descreve-o sugestivamente: “Entre os sertanejos pobres, em particular os que residem nas caatingas, há o uso de uma interessante a que eles dão o nome de “chá-de-pinto” e empregam sempre em casos de facadas. Esse tal chá-de-pinto é o seguinte: um pinto vivo, com penas, é levado ao pilão e machucado até virar uma porção de massa informe; depois misturam um pouco de água ou de um cozimento ou de infusão de folhas ou de cascas verdes da árvore “quixabeira”, e coam em um pano. Feito isto, dão ao doente para beber. O resultado é o doente vomitar extraordinariamente, com o que ficam satisfeitos, na crença de que o sangue se espalha, não produzindo inflamação íntima. (BARTOLOMEU *apud* MAGALHÃES, 1966, p. 157).

Outra terapia, também descrita pelo pesquisador Jósa é o lambedor de formiga-de-roça.

Para tuberculose (...) confessou-me José Doca Rodrigues, vaqueiro do município de Quixadá, que, em se tratando de “fraqueza do peito”, não há como o lambedor de formiga-de-roça. É, para ele, remédio que leva a palma a qualquer outra medicação. Adquire-se um litro destes himenópteros, cozinha-se e côa-se o caldo, a que se acrescenta bastante açúcar. Novamente leva-se à fervura até transformar-se em uma espécie de mel grosso, que deve ser usado às colheradas. (MAGALHÃES, 1966, p. 167).

E as terapias que têm apelo a agentes espirituais? Bem, para compreendermos melhor, vamos recorrer novamente ao nosso personagem, dessa vez sofrendo de um mal-olhado, afecção que, como já vimos anteriormente, tem no meio popular sua origem atribuída às energias negativas ou elementos sobrenaturais.

Um belo dia o nosso indivíduo levanta da cama e sente que com ele nada vai bem. Uma quebradeira no corpo, um mal-estar aliado a um desânimo intenso lhe aflige. Para completar, o pobre coitado ainda sente uma dor de cabeça terrível que lhe traz ânsia de vômito. “Foi um mau-olhado que te colocaram!”, logo os seus lhe advertem. Sem pestanejar, o nosso personagem recorre à uma rezadeira próxima no desejo de ver-se livre de tamanha angústia e ter novamente a sua saúde.

Com base nessa pequena estória o que podemos perceber: o nosso indivíduo não recorreu aos elementos, como por exemplo tomar um chazinho ou ingerir a banha de determinado animal, mas sim às forças espirituais, aos poderes do sobrenatural, atribuindo a elas a sua verdadeira capacidade de cura. Embora a rezadeira se valha de um ritual que utilize elementos físicos para a retirada do mal, de fato não é a folhinha de arruda ou gesto que curam, mas sim, a energia, as forças do bem. Podemos embasar a nossa ideia no fato da existência de pessoas determinadas para a prática de tais rituais, ou seja, na medicina popular não é qualquer um que com uma folha de arruda na mão se torna apto a curar, mas sim somente aquele que tem uma “boa energia”, uma espécie de predestinado abençoado pelo divino, que tem a capacidade de entrar em contato direto com ele quando necessário, a despeito dos simples mortais. Nessas terapêuticas o agente de cura é de origem espiritual, não há nada de fato palpável que entre em contato com o corpo do paciente e lhe expurgue o mal, mas sim, ressaltamos, forças, elementos não palpáveis, sobrenaturais. Aqui vemos ainda claramente a crença nos “poderes de Deus” atuando no corpo de forma direta.

Rezas, benzeduras, promessas, romarias, novenas, confissão, defumação e gestos compõem essa categoria de terapêuticas com apelo a agentes espirituais. Veremos agora cada uma dessas curas e suas características, com exceção das rezas, benzeduras e gestos, práticas adotadas pelas rezadeiras, que serão vistas de forma mais aprofundada no nosso terceiro e último capítulo. Por enquanto fiquemos com as manifestações típicas do catolicismo popular: promessas, romarias, novenas, além da confissão.

Nas promessas temos a busca pela cura através de uma espécie de negociação com o divino, que pode ser o próprio Deus, ou através de intermediários como os santos, mais comumente visto. Se o objetivo colimado, no caso a cura, for atingido, o indivíduo obriga-se a realizar uma espécie de sacrifício, que pode ser a privação de algo que tenha um determinado valor para si, o empreendimento de uma romaria, que é a viagem a algum local considerado santo no catolicismo popular, ou à execução de uma tarefa, como a confecção de um ex-voto que será deixado em local relacionado ao santo, como por exemplo uma capela que leve o seu nome. Sobre as promessas, fala Araújo:

Tal crença no poder da intervenção do sobrenatural manifesta-se sobretudo na confiança nos milagres de determinadas entidades, os santos. Como forma retributória a essa intervenção miraculosa ofertam elementos materiais – os ex-votos –, concretizando dessa maneira o agradecimento da graça recebida. Ex-voto (...) é um quadro, imagem, desenho, escultura, fotografia, peça de roupa, joia, fita, mecha de cabelo e principalmente escultura em madeira que se oferece e se expõe nos lugares dos “acontecidos” – cruz, capela, igreja, salas de milagres, em regozijo de uma graça alcançada. A oferta posterior à benção recebida é pagamento. Dizem mesmo: “pagamento de promessa”. (ARAÚJO, 2004, p. 89 - 90).

Nas novenas temos ainda a cura através da reza do terço por nove dias consecutivos. É interessante percebemos o número nove aqui como determinante para o fim dos males. Já nas confissões, prática institucional do catolicismo, a cura viria através do perdão divino. O indivíduo associa o mal físico ao pecado e crê que somente através da redenção espiritual ele obterá a física.

Vimos as práticas de apelo físico e as de apelo espiritual. No entanto, há alguma terapia que não se encaixe em nenhuma dessas duas classificações? Há sim, são as que apelam tanto ao físico quanto ao espiritual. Nessa classificação encontramos as simpatias, a balneoterapia e a defumação, método de cura encontrado tanto no catolicismo quanto nas crenças negras e indígenas.

Antes de falarmos das simpatias vamos esclarecer quais critérios no fazem crer que determinado rito se trata de uma. Em nossas pesquisas encontramos vários pequenos rituais: uns se utilizando de elementos animais, outros vegetais, minerais, gestos, evocação a corpos celestes

e divindades. Ao nosso entender, simpatias são aqueles rituais que apelam ao físico ou às forças e energias sobrenaturais, atentando que nos dois últimos casos não há a construção ou visualização de uma entidade, mas de energias cósmicas. Já outra espécie de ritos que encontramos, em que uma espécie de entidade é invocada, através de frases apelativas consideraremos como rezas, ou “secularizações da benzedura”, como afirmou Araújo ponto que abordaremos mais adiante. Mas vamos logo então compreender as simpatias.

Nas simpatias, ritos que visam tanto à cura quanto à proteção, temos o que consideramos o grande mundo das técnicas populares de cura. Oriunda dos mais longínquos tempos, provavelmente desde quando o homem buscou para si cura dos males, elas podem ser divididas em simpatias de cura e de proteção. Dentro dessa divisão percebemos várias características das simpatias: as que atribuem, cura a elementos animais, vegetais ou minerais; aos objetos do doente ou de algum de seus parentes; e as de caráter diverso. Embora todas as simpatias requeiram um certo ritual, visualizamos ainda que algumas simpatias se dedicam ao rito, mais ainda do que aos elementos a cura.

Para tornar mais clara a nossa afirmativa apresentaremos algumas simpatias que se utilizam de elementos animais:

Cura-se erizipela, no interior, aplicando-se um sapo ainda vivo, aberto ao meio, sobre a parte do corpo tomada pela doença. Logo que morra o sapo, o enfermo estará curado, acrescentando o sertanejo que a doença “passa pro sapo”. Na Bolívia os índios usavam a mesma prática, segundo M. Rigoberto Paredes: “La erisipela acostumbra curar, rosando uma y outra vez, com la barriga de los sapos las placas erisipelatosas y com cuyo procedimiento, quedan contagiados estos batracios y mueren las pocas horas y dejan, em cambio, sano al enfermo.” (PAREDES apud CAMPOS, 1955, p. 133).

Aqui temos uma das características das simpatias contendo elementos animais que é a ideia de transferência, a doença é “retirada” do corpo do doente e destinada a alojar-se no animal. Sobre isso fala Araújo:

O curador, rezador ou “bezinheira” têm o poder de fazer passar de um ser humano para animal ou daquele para uma cousa: é a *transferência*, técnica muito usada. Não precisa ser “especialista”, benzedor ou curador; uma pessoa qualquer afetada, por exemplo, de erisipela, basta esfregar o batráquio no local da doença

que ela sarará, pois, o mal passa para o sapo (...) A sua razão de ser repousa na lei da magia da transferência. (ARAÚJO, 2004, p. 60,61).

Além dessa terapêutica baseada na transferência temos a que é baseada na similitude entre doença e remédio, uma das características da homeopatia. Nos relata Eduardo Campos: “Curam panarício pondo, aberto ao meio, sobre o dedo do enfermo, um galo-de-campina (*Paroaria gularis*) ainda com estremecimentos de vida.” (CAMPOS, 1955, p. 129). O que podemos perceber nesse caso? Ora o paciente que está com panarício fica com a chamada “cabeça do dedo” avermelhada. Por sua vez o pássaro galo-de-campina também tem a cabeça vermelha. O que ocorre então é uma homeopatia ritual, em que a cura viria do vermelho pelo vermelho.

O que pode agir sobre a evolução favorável do mal deve ser buscado na intervenção de um princípio elementar da mesma família. Assim, para as queimaduras, o conhecimento popular recomenda que se haja preferencialmente segundo a fórmula “fogo contra fogo”, aplicando-se compressas de vinagre ou de aguardente, ou então aquecendo a parte queimada. Para a febre, dá-se ao doente infusões quentes, sopas, tisanas, até mesmo inalações ferventes, a fim de fazê-lo ficar vermelho, de fazê-lo suar literalmente, de ajudar a expulsão do calor através de cataplasmas, escalda-pés etc. (LAPLANTINE, 2004, p. 165).

Já na terapêutica baseada em elementos vegetais, Jósa Magalhães nos relata:

De regra, queixam-se muito do estômago, notadamente de azia, os habitantes do sertão. A terapêutica a que se acolhem é sumamente variada. Diz-se, correntemente, que uma embira de casca de pau verde, atada ao pescoço de quem está com azia, propicia cura imediata. Certa vez, em Inhuporanga, com este objetivo, vi mulher progredida em anos, com uma embira de pau-branco, já ressequida, de redor ao pescoço. (MAGALHÃES, 1966, p. 219).

No caso citado podemos perceber a força que o ritual exerce sobre a cura. Não é a ingestão do chá de tal planta que sana o mal, mas sim o gesto de amarrá-la ao pescoço, como uma espécie de medalha ou talismã, e em que a partir disso, as forças ou elementos positivos atuariam sobre a doença, o negativo.

A característica o uso da similitude não só encontramos nas terapias que se utilizam de elementos animais. Vejamos dois interessantes exemplos de curas através da assimilação:

Fia-se muito do pó das cascas de laranja de umbigo como cicatrizante de umbigo de crianças recém-nascidas. (...) a laranja tem umbigo bem cicatrizado e bem conformado. Pondo-se, pois, aludido pó sobre o umbigo cruento da criança, conseguir-se á, conseqüentemente, cicatriz perfeita e ótima conformação. (MAGALHÃES, 1966, p. 88).

Encontrando-me, de uma feita, por espírito de curiosidade, em meio a uma feira hebdomadária, em Itabaiana, Paraíba, de mim se abeira um sujeito, já de idade propecta, e pede-me receita para a sua impotência sexual. Dêle descartei-me, jeitosamente, alegando não poder receitá-lo sem prévio e minucioso exame, a fim de averiguar a causa da sua disfunção genética. Descoroçoado, o meu postulante de pronto, deu de me informar já haver consultado diversos médicos e bebido muitos remédios e que ultimamente, tomara, vários dias seguidos, o chá da raiz do *Ficus Benjamin*, sem nada adiantar, porém. Indaguei-lhe, então por que motivo fizera o uso do chá da raiz do *Benjamin*, ao que me respondeu: “Uma pessoa me disse que o chá da raiz do *Benjamin* era muito bom, dava muita força, pois que suas raízes levantavam até o cimento das calçadas. Em Fortaleza, aponta-se o infuso de tais raízes como tônico e fortificante em geral. (MAGALHÃES, 1966, p. 92-93).

É muito comum também na medicina popular o uso de objetos de metal, associado a um ritual em terapias. Araújo definiu como *açoterapia*, no entanto não gostamos do termo pelo fato dos objetos utilizados nem sempre serem constituídos de propriamente de aço, mas sim de qualquer metal, como ferro ou cobre. Como exemplos do uso dessa terapia temos:

Perguntando eu a Pedro Francisco de Assis, residente no sítio S. Lourenço, na Serra do Machado, que providência tomaria êle em face de uma pessoa que se lhe apresentasse com hemorragia de qualquer natureza, ele de pronto respondeu: “Coloca-se uma foice desencabada na parte traseira do pescoço ou, então, mela-se uma faca no sangue que corre e com ela se faz uma cruz de sangue na testa do paciente e, depois, enterra-se a faca no pé da forquilha que sustenta o pote de beber água. (MAGALHÃES, 1966, p. 202).

De uma vez, achando-me de plantão na Assistência Municipal de João Pessoa, ao socorrer uma primípara em parto laborioso, encontrei, a seu lado, na cama, uma grande chave. Pedi a significação daquele objeto ali presente e ninguém ma

deu. Ao retirar-me, porém, com a parturiente na ambulância, uma senhora de boa aparência, de maneiras polidas, tirou-me de parte e assim falou: “Dr. Jósa, o senhor não sabe. Aquela chave é para a mulher se abrir e a criança nascer com felicidade.” (MAGALHÃES, 1966, p. 194-195).

Nesse último caso podemos perceber a relação simbólica, elemento muito forte na medicina popular, entre o gesto de abrir da chave e a facilitação no trabalho de parto, que “abrirá” os caminhos para a criança que irá nascer. Sobre essa terapia fala ainda Jósa Magalhães:

No tocante ao encantamento da chave, topo o seguinte em Gustavo Barroso: “É uso muito espalhado nos sertões cearenses e vizinhos o de dar uma chave a mulheres em trabalho de parto, ou pô-la, ao menos, no leito de dores do paciente. Que a chave tem poder sobrenatural, é coisa sabida e antiga. Pega-se numa chave para evitar mau-olhado. Ela isola, como nenhum outro talismã, o indivíduo das emanções perigosas, dos seres malignos. Mas a chave-amuleto de parturientes veio para a nossa gente dos latinos, através da civilização ibérica, que nos amamentou. Nós encontramos essa superstição guardada na obra de Pompeius Festus, abreviador de Verrius, “De Significatione Verborum”, que Paulo Diácomo ora resumiu, ora interpolou, como bem lhe pareceu. Eis o que nessa obra se lê: “Clavim – consuetudo erat mulieribus donare ob significandam partus facilitatem.” Isto é: “Chave – era costume dar uma chave às mulheres como símbolo de felicidade do parto.” (BARROSO *apud* MAGALHÃES, 1966, p. 196).

Como outro exemplo de relação simbólica temos: “Se o menino não demonstra facilidade em falar, há de tomar, quanto antes, água fervida num chocalho. Se a criança não se dispõe a andar, mandam que os pais banhem suas pernas com água na qual forma infundidas as pernas de um caranguejo.” (CAMPOS, 1955, p. 70). Nesses casos, a relação que temos é muito clara: o chocalho é um instrumento musical bastante ruidoso, característica que deverá ser adquirida pelo menino que tomar água fervida em tal objeto, ou seja, falar muito, sendo assim também ruidoso. Já na terapia do caranguejo, animal de várias patas que se articulam rapidamente no seu caminhar, o desejo é que a criança desenvolva, assim como o crustáceo, tamanha habilidade.

Nos ritos populares de cura encontramos ainda uma recorrência no uso de excretas animais como remédio. Um exemplo disso é o uso de fezes de vaca para feridas.

Certa vez disse-me um sertanejo que excremento de vaca é uma coisa santa. E exemplificou: “Dando-se um golpe e botando-se sôbre êle excremento de vaca, ainda quente, quando o excremento secar e cair, a ferida estará sarada.” E seguiu-se em comentários: “Doutor, excremento de vaca é uma coisa tão importante que, se o senhor fechar a porteira de um curral e nêle plantar feijão e milho, o senhor vai ver cada bage e cada espiga que faz gôsto.” (MAGALHÃES, 1966, p. 155).

Outro exemplo dessa terapia é o famoso chá-de-jasmim. “Combatem o sarampo com chá de “jasmim” (excremento de cachorro). *“La materia fecal blanca del perro (“azúcar del campo”) es Bueno para el serampion”*, é igualmente receitado no Paraguai, conforme registrou Ivolina Rosa Carvalho (Folklore Paraguai, com introdução e sistematização de Paulo de Carvalho Neto (Doc. de 9 de agosto de 1951). (CAMPOS, 1955, p.125).

Mas não são somente excretas animais as utilizadas na medicina popular. Alguns métodos de cura baseiam também no uso de fezes ou urina humanas.

Apareceu no rosto algumas espinhas malignas, nada melhor do que as próprias fezes ainda quentes. (...) cortou, feriu-se, lavar o local com a própria urina; para dor de dentes “a bica do remédio está três palmos abaixo”, é só aparar e bochechar; para terçol, urina de menina, serve também para outros males da vista, pois Santa Luzia abençoou a urina, dizem. (...) A primeira urina do recém-nascido cura lepra. Para a mãe ser feliz a vida toda deve passar a fralda com a primeira urina no seu rosto. No caso de erisipela, colocar urina quente do pai ou da mãe na perna, sempre o progenitor do sexo oposto ao doente. (ARAÚJO, 2004, p. 141).

Na medicina popular temos também o susto ou elemento surpresa (terapias em que o paciente não pode saber que está sendo tratado) que podem atuar tanto como terapêutica, quanto como causador de doenças. Segundo a crença popular o susto pode acarretar congestão cerebral - quando ocorre após as refeições - provocar abortos e até mesmo causar loucura ou gagueira em crianças muito pequenas. Já nos casos de soluço o susto é recomendado como terapia. “Melhor do que qualquer simpatia para curar soluço é o susto. Uma pessoa quando está soluçando, prega-se-lhe um susto, cessa imediatamente” (ARAÚJO, 2004, p. 66). No caso do elemento surpresa, temos uma, no mínimo curiosa, terapêutica para gagueira.

Fausto Teixeira exara que a gaguez “cura-se batendo com uma colher-de-pau na cabeça da vítima no momento que estiver falando. No Ceará, várias pessoas têm-me confirmado esta singular receita, acrescentando, porém, que só surtirá efeito se fôr empregada uma colher virgem, não ainda utilizada no seu mister. (MAGALHÃES, 1966, p. 210).

Findadas as simpatias, falemos agora sobre a balneoterapia e a defumação. Na defumação temos a crença de que a fumaça seria uma espécie de agente para a retirada dos males ou proteção dos mesmos. De fato, não é a fumaça física em si que teria esse poder, mas uma fumaça “carregada” de energias e direcionada para tratamento ou proteção. Já na balneoterapia encontramos a ideia de que determinadas mazelas podem ser sanadas através do banho, como por exemplo, a terapêutica para pessoas mordidas por animais com raiva, que deveriam banhar-se em águas do mar. A balneoterapia tem sua origem indígena. “Herança dos índios que ensinaram brancos e negros a tomar banho para se curar. A índia dava à luz e lavava-se imediatamente; curavam febres e outros males com água fria de lagoas e rios e mesmo do mar. A hidroterapia é uma instituição indígena.” (ARAÚJO, 2004, p. 145). Uma variação profilática deste rito é o banho de cheiro. “Banho de cheiro é indispensável para o recém-nascido. Para que tenha sorte.” (ARAÚJO, 2004, p. 146).

Entrando agora não nas técnicas de cura, mas nas de proteção dos males na cultura popular, temos o que chamamos de modelo aditivo de cura, ou seja, os males são eliminados não pela expulsão de elementos, pela subtração de males, mas sim pela adição. Temos aí então os amuletos, santinhos, talismãs, patuás e bentinhos e a cor vermelha.

4 REZADEIRAS

4.1 Rezadeiras – uma fé popular

Manipulando um raminho de planta, que pode ser pinhão roxo, arruda ou vassourinha; proferindo orações tanto em voz alta, de forma repetitiva, quanto em um acelerado sussurro indecifrável; esse é o trabalho de cura da rezadeira, um misto de farmacêutica e médica do povo.

Na variada lista de doenças “de reza”, a promessa de cura para enfermidades físicas como dor-de-dente, espinhela caída (reentrância do apêndice xifóide), vento (ventre) caído (doença que acomete crianças e se caracteriza por diarreia), cobreiro (Herpes Zoster. No meio popular é atribuída ao contato da roupa do doente com a pele de animais peçonhentos), entrosada (dermatose) e fraturas; além de espirituais, como o quebranto (mal que acomete somente crianças, caracterizado essencialmente pelo desânimo) e mau-olhado (semelhante ao quebranto. Acomete adultos, animais e plantas).

Sem cobrar pelos seus serviços e atuando em sua maioria nas comunidades rurais e de baixa renda, mas com um público que extrapola essa esfera, as rezadeiras alcançam grande nível de credibilidade e confiança em meio às pessoas que vive, sendo também alçadas muitas vezes ao cargo de conselheira. Então aí ela exerce também o papel de psicóloga, chegando até mesmo a promover reconciliações de casais em desavença. Segundo Moisés do Espírito Santo, a rezadeira na sua função

...pode assimilar-se à dos *medicine-men* de certos povos; elas podem acumular o exercício sagrado da recitação e da cura mágica com a prática da medicina popular, prodigalizar conselhos aos pais que não dominam os filhos ou às mulheres cujos maridos se desviam do domicílio conjugal, e podem ainda ser eficazes na expulsão dos “espíritos”. (ESPÍRITO SANTO, 1990, p.149).

Mais do que promover a cura e proteger dos males, a rezadeira talha, corta, tange, ou como afirmou Moisés do Espírito Santo, “liberta” a pessoa do mal. Para tanto, ela se utiliza das rezas, espécie de fórmulas que apelam seja a santos católicos, Deus ou Jesus, seja a qualquer outro tipo de divindade, como por exemplo, estrelas. Há ainda fórmulas que associadas a ritos não fazem apelo declarado a nenhuma entidade.

Com um amplo conhecimento de rezas, que só são mantidas em segredo a fim de que as forças não cessem, e procedimentos populares de cura, as rezadeiras têm em sua maioria um rico arcabouço cultural acerca das propriedades medicinais de ervas, cascas, raízes e sementes. O resultado desse saber é a popular “garrafada” ou também conhecido como “lambedor”, um misturado caseiro que, de acordo com os ingredientes utilizados no cozimento, é indicado como xarope, expectorante e até mesmo estimulante sexual. Malva doce, casca de jatobá, boldo, casca de laranja, romã, são alguns dos ingredientes usados nessas misturas.

Além do poder de cura em pessoas, algumas rezadeiras também podem apresentar outras capacidades: a de curar animais, reavivar plantações, exterminar pragas e ainda benzer objetos. Dependendo da flexibilidade e conhecimento de quem reza; e também, do solicitante, o processo de cura transforma-se em benzimento, a fim de destinar sorte a carros, carteiras, telefones celulares, além de imóveis residenciais e comerciais.

O ato de rezar em busca da cura alheia tem os seus mistérios repassados geralmente entre familiares: de pais para filhos, ou avós para netos. No entanto, pessoas sem vínculos familiares com a rezadeira também podem aprender as rezas e práticas. Embora não seja raro encontrar homens rezadores, o ofício de rezar é em sua maioria exercido por mulheres. Segundo Moisés do Espírito Santo esse fato decorreria da característica da religião popular de considerar mulheres e crianças como mais aptas para entrar em contato com as potências sobrenaturais. “Seja qual for a religião, a hierarquia eclesiástica é sempre uma rede de ‘pais’ (os profetas e os fundadores das religiões são sempre homens), enquanto a religião popular (não institucionalizada) favorece as mulheres” (ESPÍRITO SANTO, 1990, p. 16). As rezadeiras seriam então uma espécie de “mãe mítica” nas localidades em que atuam.

No estado do Ceará a atividade de rezar é ainda algo muito presente, principalmente nas cidades do interior e em bairros pobres da capital. Muitas vezes substituindo médicos da medicina “institucional”, as rezadeiras, e nesse caso somente mulheres, atuam ainda realizando partos. Atentando à essa atividade, algumas Secretarias de Saúde de municípios do interior estão realizando cadastros e parcerias com rezadeiras com a finalidade de oferecer-lhes orientações básicas acerca de doenças de menor gravidade; e higiene.

A fim de avivar mais nossas explanações sobre as rezadeiras, conheçamos agora dois diferentes contextos de trabalho de cura através da reza: primeiramente vejamos a história de Teresa Pinto, rezadeira na zona rural do município de Alcântaras, cerca de 24 km da cidade de Sobral. Logo após, conheçamos Ananias Roseno, rezador que atua no posto de saúde Vereador Francisco Hugo de Alencar, no bairro Novo Parque Iracema, na cidade de Maranguape, região metropolitana de Fortaleza.

4.2 Tereza Pinto – “enquanto eu for viva eu tenho que cumprir essa promessa, essa devoção que Deus me deu”

São 230 Km até a cidade de Sobral, mais 24 km em pau-de-arara até o município de Alcântaras, e 6 Km até a localidade de São Bernardo. Ainda há uma caminhada que envolve subir e descer duas ladeiras que desafiam o preparo físico de qualquer um. Tudo isso sob um sol escaldante. Mas o cansaço logo dá vez ao alívio quando avistamos lá no alto do morro a pequena e solitária casa azul. Chegamos à casa de Tereza Fialho Pinto, chamada de doutora por alguns, de Teta por outros, e por mim de avó.

Aos 64 anos, Tereza exhibe no rosto as marcas de uma vida sofrida. Pobre, casou-se muito jovem, e logo tornou-se mãe. Teve ao todo dezessete filhos, todos "se criaram". Em sua pequena casa, antes taipa e hoje, orgulhosamente tijolo, moram ao todo dez pessoas, entre filhos e netos que sustenta através de uma pequena aposentadoria rural e com a ajuda de programas sociais do governo.

A vida de Tereza assim como a de todos da localidade de São Bernardo é bastante simples. Todos são agricultores. No povoado, que possui no máximo trinta casas, há somente uma pequena igreja, que tem missa uma vez a cada mês. Não há escolas secundárias nem hospitais. Mas todos são unânimes em dizer que há uma "doutora" em São Bernardo: Tereza. Ela é rezadeira.

Foi com os avós que Tereza aprendeu "a arte de rezar". Sua avó, Joana Fialho Pinto, era rezadeira conhecida na região. Pessoas até de cidades distantes vinham pedir o seu auxílio. "Ela era rezadeira. Ela curava aqui no São Bernardo, no Desterro, Santa Rosa, Flor, toda parte no mundo ela curava o povo. E a reza dela era boa, todo mundo que ela rezava ficava curado (...) tinha um animal nas Flores (lugarejo próximo) com bicheiro e o portador vinha de lá chamar ela para curar. Ela dizia assim: “Me diga qual lado é o do curral do gado ou do jumento ou do porco”. “É em tal parte”. “Pois pode ir embora! Daqui eu rezo! Pode ficar tranquilo que cai os bicho tudim, quando você chegar lá já tá é caindo os bicho! Quando chegava lá tava os bicho tudo no chão, tinha caído tudo”.

Quando seus avós, dois rezadeiros, sentiram que já estavam muito velhos para o ofício, decidiram passar todos os seus conhecimentos para a neta, então uma jovem recém-casada. "O meu avô antes de morrer me ensinou. Nenhum dos filhos, nenhum dos netos sabe, só eu sei, só quem aprendeu fui eu. Ele me ensinou durante um mês, ele vinha lá casa, todo santo dia

ele vinha lá em casa. Enquanto ele não me ensinou, não sossegou. Quando ele viu que eu sabia das orações tudinha aí ele parou e disse: Minha filha não tem quem vá ao bojo dela, só Deus e Nossa Senhora e mais ninguém. Ele abriu a boca e disse isso"

Desde que seus avós morreram que Tereza assumiu o posto de rezadora da pequena localidade. Todo tipo de enfermidades que vão desde dores de dentes até ao temido Herpes Zoster, popularmente conhecido como cobreiro, ela garante que cura. Para complementar a terapia, ela muitas vezes oferece aos seus pacientes as já tão famosas garrafadas ou lambedores, que são remédios feitos a base de plantas medicinais, sementes, mel e cascas de árvores. "Sei fazer remédio pra quem tá 'ingripado'... eu faço mel... e cura mesmo. Já fiz pra umas pouca de pessoas garrafada e fica mesmo curado".

Durante a chamada cura ou reza Tereza reza uma Ave-Maria e um Pai-Nosso juntamente com outra oração que evoque o nome do santo católico responsável pelo fim da determinada enfermidade. Enquanto ora, ela benze a pessoa com um galhinho que pode ser de vassourinha ou arruda. "A pessoa cura com a vassourinha e com a folhinha da arruda. Quando aqui não tem vassourinha, que o gado come, eu curo com a folha da arruda. Eu sempre tenho meu pé de arruda ali de reserva". Nas rezas também podem ser usados objetos que possuam caráter simbólico, como por exemplo linhas e pedaços de pano, nos casos de quebras (fraturas).

Para Tereza o primeiro passo para a cura de qualquer mal é acreditar na reza. "A pessoa tem que ter fé. A pessoa sem fé não cura. A pessoa tem que ir rezar e a outra estar com fé, ter fé na reza daquela pessoa, e dali sai curada mesmo". A rezadeira afirma também que não indica remédios alopáticos por achar desnecessário. "Não indico não. Só com a cura já basta. Já basta a fé em Deus que tenho e a pessoa que vier também ter fé em Deus que é curado".

Anos de cura e a fama de Tereza está consolidada por toda a redondeza. Muitas pessoas afirmam acreditar em suas rezas, como é o caso de Terezinha Lucas, que diz já ter se livrado de vários males. "Eu tava com espinhela caída. Tava com uma dor tão grande aqui, uma dor nas costas... 'vou mandar a Teta levantar minha espinhela!' Ela já levantou duas vezes! Ela já tinha dito: 'Se tu precisar das três, vai que eu levanto'. Mas só com duas eu fiquei boa. Depois, uma dor nesse dedo. O dedo-duro. 'Vou mandar a Teta rezar!' Ela foi e rezou. O dedo ficou bom. Depois queimei a mão, botei em cima de um bocado de café quente. 'Meus Deus, o que é que eu faço com essa mão? Eu vou mandar a Teta rezar!' Cheguei lá ela rezou três vezes. Nem cicatriz ficou. Fiquei boazinha, Graças a Deus! E aqui quando a Zuleide sente dor de dente, ou qualquer coisa, 'Vai Zuleide lá na Teta, tu manda ela rezar lá que tu fica boa!' E a Zuleide corre,

e vai rezar e chega lá e fica boa mesmo. Eu tenho muita fé na reza da Teta porque pra espinhela caída, toda coisa que ela reza a gente fica bom, fica bonzinho. A gente vai com aquela fé dela rezar e ficar bom. Ela reza bem mesmo".

Mas não são somente os males físicos que são alvos das rezas de Tereza. Pessoas com problemas pessoais ou familiares também a procuram como é o caso de Inácia Sales, que também afirma ter fé na reza de Tereza. "Sempre deu certo. Quando eu me vejo aperreada eu digo: 'Anda Tereza, chegue, me ajude!' Às vezes eu sinto que sou ajudada por ela. Por Deus e por ela também. Deus ajuda a gente, mas o povo ajudando também serve".

Dentre as pessoas que procuram auxílio nas rezas de Tereza, muitas buscam a cura para o quebrante ou também chamado quebranto. Segundo a crença popular, o quebrante é um mal súbito que atinge crianças muito pequenas, que tem ainda "a mulêra mole", ou seja, que ainda possuem a parte superior do crânio muito sensível a qualquer choque. Esse mal súbito decorreria do olhar de uma pessoa, o chamado olhar-mau ou olho-ruim.

Segundo Tereza existem dois tipos de quebrante: o da beleza e o da feiura, sendo esse, mais perigoso que o da "boniteza". "A pessoa olha, às vezes você vê ali uma criança bonita, a criança é bonitinha, alegre, a pessoa que tem os olhos ruins na hora que olha a criança, a criança já esmorece logo. Você vê um menino feio, você espia pra feiura dessa criança ali e ele já pega um quebrante. O quebrante da feiura é pior do que o quebrante da boniteza. Mata mais ligeiro".

A técnica de cura do quebrante em crianças é semelhante às das outras enfermidades: reza-se o Pai-Nosso, a Ave-Maria, uma oração com os dizeres: "Nossa senhora quer seu filho para adorar/ e eu quero o meu filho para criar/ Vai-te quebrante para as ondas do mar sagrado." Três vezes, enquanto benze-se a criança com um raminho. Segundo Tereza o único diferencial da reza de quebrante em relação às de outros males é que a criança, para realmente ficar curada, precisa ou espreguiçar-se, ou urinar ou bocejar após a reza.

"No dia do comício do Raimundo Manduca (político local) eu tava em Alcântaras e chegou a minha sobrinha com a meninazinha chega vinha de olho fechado, ia direto pro hospital, doidinha com a menina chorando nos braços, era a Fernanda da Marlene, aí ela disse: 'Xô! Tia Teta de Deus, reze na minha filha que ela tá quase morta, tô aqui doida, vou já pro hospital com ela, que a minha filha desde cedo 'provoca' (vomita) e não sustenta nada e tá assim desse jeito, dormindo direto.' Aí eu disse: 'Pois vá esperar ali no Zé Pipoca'. Aí eu peguei uns raminhos que tinha assim na calçada, não era nem ramo próprio da pessoa curar, mas como a menina tava muito esmorecida eu peguei uns ramo que tinha lá na frente do Zé pipoca e curei a menina. Ela

não foi nem mais pro hospital, assim que eu curei, a bichinha só fez abrir a boca, se espreguiçar... Ela já foi embora com a menina boazinha. Ela disse: ‘Ó tia Teta de Deus, foi Deus quem mandou a senhora vir pro Alcântaras senão minha filha tinha era morrido’”.

Fora as crianças, outro alvo fácil das pessoas do chamado "olho-mau" seriam as plantas. “Tem gente dos olhos tão maus que é só olhar pra um pé-de-planta bonito que ele seca.(...) Aqui a menina tinha uns pé-de-planta muito bonito dentro de casa, aí chegou uma mulher e pegou a olhar pra esses pé-de-planta. Disse: Ô plantas bonitas! As planta dela são muito bonitas! Os pé-de-planta, quando foi com três dias, tava tudo seco. Seco, seco, murcho, as folhas ficaram todas torradas. Eu digo: ‘Minha Nossa Senhora! Que mulher do olho mau!’ Pois é, tem gente desse tipo”.

Além de rezadeira, Tereza também é parteira, tendo inclusive seu nome registrado na maternidade da cidade de Alcântaras. O primeiro nascimento que acompanhou foi o de sua própria neta. “Nunca se passou pela minha cabeça de pegar menino. A primeira logo que eu peguei foi a da Bidelha (sua filha), a Késsia. A menina já tem nove anos de idade. Foi a primeira que eu peguei. Aí de lá prá cá, de nove anos prá cá, de vez em quando eu pego um”.

Para Tereza, além de coragem, para poder ser parteira é necessário saber a oração de botar a placenta pra fora. “O povo até se admira de como eu sou nervosa um pouco por umas coisa e por outras tenho coragem. Porque pra pessoa pegar um menino precisa ter coragem. Eu pego e não sinto nada. Faço o parto todinho, rezo a oração, sei a oração de botar a placenta pra fora. Na hora em que eu faço o parto, que a criança nasce, que a mulher fica um pouco sem desocupar, tem que ter a oração. A pessoa reza a oração, não demora nada e ela desocupa. Bota a placenta”.

Pelos seus trabalhos de reza, garrafadas e partos, Tereza não cobra nada e afirma que tudo que faz é por caridade. “Cubro não. Isso aí eu fiz um prometimento a Deus de que eu rezava, pegava criança, mas nunca cobrei nem um centavo. Vou acudir, fazer a caridade (...) peguei muito menino já. Eu só faço mesmo só caridade. Cobro nem um tostão, nada. Quem me chamar eu vou, onde for rezar. A Tereza Lucas, as vezes eu passo pro Pade (pequeno comércio local), e ela tá assistindo alguma coisa e pastora. ‘Xô! Teta de rezar em mim que eu creio muito na tua reza! Só é tu rezar em mim que eu fico boa’. ‘Graças a Deus!’ Tem a Inácia Felismino também, quando ela se vê lá com algum problema, uma coisa, ela corre aqui, vem se valer de mim de modo eu rezar sobre as coisas que tão acontecendo lá... aí... aí tudo resolvido. Graças a Deus!”.

Apesar de ser rezadeira, Tereza não se prende a nenhuma religião. Frequenta cultos evangélicos, missas católicas e tem vários santos por devoção. “Eu creio muito nas minhas imagens, eu rezo muito para as minhas imagens ofereço pras minhas imagens...quem tem devoção né. Agora eu fiz um pedido e vou mandar trocar esse santo pra mim, que eu tenho muita fé: São Miguel Arcanjo. Eu tenho devoção a esse santo. Fiz um pedido a ele e alcancei. Vou mandar trocar esse santo, pra eu ter na minha casa”.

Mesmo sendo o trabalho de Tereza bem reconhecido e aceito na região, a tradição passada de mãe pra filha de rezadeiras na família corre o risco de acabar. Tudo isso porque nenhuma dos filhos de Tereza ainda não manifestou interesse em aprender as velhas rezas. “Nunca se interessou ninguém em aprender não, ainda não, mas quando eu estiver mais velha eu tenho que passar isso pra uma neta ou uma filha. Tem que aprender, pra ficar curando o povo, quem precisar, a pessoa que precisar, quem necessitar, a pessoa tem que curar. Isso é um Dom que Deus dá. Todo mundo Deus só dá um Dom. Quem foi que me deu esse Dom? Foi Deus”.

É com orgulho que Tereza fala do fato de ser rezadeira. “Esse foi o Dom que Deus me deu. Eu tenho e gosto, enquanto eu for viva eu tenho que cumprir essa promessa, essa devoção que Deus me deu”. E emociona-se quando fala que as pessoas a chamam de doutora. “A mulher que eu rezei ali embaixo, ela tinha problema nos ossos. Ela inchava o joelho, quando passava do joelho ela inchava o braço. De vez em quando ela mandava me chamar. Aí eu ia curar ela, rezar. Eu rezava no joelho a doença passava pro braço, quando foi um dos dias eu disse: ‘Vicentina, olha tua doença não é reumatismo, não é outra coisa. A tua doença, tu tá é com osteoporose.’ E ela disse: ‘Será Tereza?’ Eu disse: ‘É bem fato ser. Tenho certeza que é.’ Aí ela também botou na cabeça e foi pra Fortaleza, pra casa de uma filha dela. Chegou lá foi fazer exame. Na hora que o médico fez o exame ele disse: ‘Olha, você tá com osteoporose.’ Aí ela se tratou, passou lá um mês e voltou pra casa dela. Aí eu ia passando pro sindicato na Santa Rosa e ela botou a cara na porta e disse: ‘Olha Tereza, tu não é uma rezadeira não, tu é uma doutora! Tu é uma doutora, por que a doença é a mesma que tu disse. Tu não é rezadeira não, é uma doutora!’ Ela disse assim. Aí eu fiquei...sei lá parece que é um dom que Deus me dá, uma coisa pra eu saber. Uma pessoa botar uma coisa assim e acertar logo em cima né!”.

4.3 Ananias Roseno – “O que eu disser que você tem aqui é confirmado pelo médico”

No fim de um corredor em penumbra, uma porta branca aberta. A sala, com duas cadeiras, uma mesa pequena com duas velas e algumas imagens de santos que, indefectivelmente, encaram a quem naquele recinto entra. No canto, cinco ou seis folhas de pinhão-roxo jogadas ao chão. “Seu Ananias?” Sim, é ele, o rezador.

A fila de pacientes para a “consulta” é extensa e a conversa tem que ser rápida. “Bem seu Ananias, como foi se o senhor se tornou rezador?” Com voz meio embrulhada pelo peso de seus 74 anos, mas com a firmeza de quem fala convicto, ele começa a história: o pai era rezador mas nada das técnicas de cura ensinou aos seus cinco filhos, todos homens. “Meu pai era curador chamado pra todo canto, mas ele nunca ensinou nós a reza dele... Aí eu sei que um dia eu disse: “Meu pai, eu quero aprender a rezar também”. E ele: “Se Deus quiser! Aprenda meu filho, aprenda.” Eu pedi a Deus uma graça de aprender as rezas dele, aí peguei a rezar nas crianças e pessoal foi achando bom, achando bom...me chamavam pra todo canto rezar e eu ia. Já fui pro Canidezinho, já fui pra Jubaia, Vila Nova, Pau Serrado; mandavam até carro me pegar e me buscar. (Pausa) Se eu for numa casa e tiver alguma coisa dentro, um dismantelo, basta eu ir rezar e pronto. Se tiver uma mulher numa casa despeitada com seu esposo, só basta eu fazer uma coisa praquela casa e pronto. Isso aí é falta de reza, não é outra coisa não. Foi uma benção que Deus me deu”.

“Mas cura tudo mesmo?”, a pergunta inquieta. “Se for caso pra rezar tem jeito, se não for é pra doutor. Caroço interno por dentro, não é coisa pra reza, é pra doutor. Com a reza fica bonzinho e não tem outra coisa não. Porque doutor em hospital não tem remédio pra quebranto, vento caído e nem pra nossa aga aqui (aponta para a região torácica), essas aga (região torácica) aqui é uma peça feia viu, quando ela escapole e encosta não tem jeito não, só os poder de Deus. Rezo pra quebranto, pra espinhela caída, vento caído, dor de cabeça, dor de dente, dor de ouvido, braço dirmintido (deslocado), pé dirmintido, quebrada, mau-olhado em gente adulto e em gente criança”.

Em 30 anos de reza e dois nos Posto de Saúde Francisco Hugo de Alencar, o rezador garante que já curou de tudo. Pessoas, roçados, objetos e até imóveis. “Casa, morada da família, chego lá e faço minhas orações dentro aí ela é feliz pra todo tempo. Não entra mais nada dentro porque os poder de Deus é grande. Minha filha eu sei me virar, sei entrar e sei sair. Vou chegar

numa casa e tá o dono dentro aí eu digo: ‘O senhor vá lá pra fora.’ Aí dou três voltas, rezo dentro da casa e vou me embora.”

“Fui numa casinha ali e a mulher disse: ‘Seu Ananias quero que o senhor venha olhar minha casa. Eu vou pra firma (indústria) e quando chego lá fico toda gelada, não tenho ação pra falar com o pessoal, nem uma pergunta consigo responder’. Eu pensei: ‘Vixe, o negócio tá é sério!’. Aí eu disse: ‘Você procura uma pessoa, pede uma escada e vai olhar lá em cima da casa, porque de frente pro quarto que você dorme tem uma porcaria dentro do telhado’. ‘Será possível, Seu Ananias?’. ‘É’. Aí eu fui lá, quando pisei no quarto, na ponta, me arrepiei todinho. ‘Valha minha Nossa Senhora!’. Aí aquela coisa foi se clareando na minha vista, se clareando, eu rezei e fiz a cura. A senhora acredita que o pinhão murchou que torrou! Ora, quando eu acabei eu disse a ela: ‘Tem coisa dentro do telhado dessa casa’. Ela destelhou e achou terra de cemitério, pimenta malagueta, alho pisado, um cururu, tudo dentro de um saco. Era pra matar ela. Tava feito pra matar ela, mas aí eu tirei tudo. Eu não pedi nada não, mas ela botou a mão no bolso e me deu dez reais. Eu ainda levei duas velas, acendi uma na cabeceira na cama e outra no pé. Esse foi um caso pesado mesmo. Pode até passar pra cima da gente. Só não passa porque a reza é forte e o poder de Deus é grande. Aqui em Maranguape houve um tempo uma reunião com 85 curadores, taí a doutora Afonsina (enfermeira do posto onde Ananias trabalha) por testemunha. Eles me levaram pro meio de um salão por uma escada, lá em cima. Cheguei no salão tinha quatro crianças pra eu rezar. A roda dos doutores, do pessoal de branco, tava tudo de mão dada lá. Aí eu falei alto, rezei alto, pra todo mundo ver. Quando eu terminei, eu disse: ‘Abençoe esse pessoal do salão, com os poderes de Deus e da Virgem Maria (2 vezes), Ah! Meu Deus, abençoe o pessoal desse salão. Deus te salve, onde é tua morada; Deus te salve, com a hóstia consagrada’. Aí o pessoal bateu palma. Ai as doutoras: ‘Eu vou deixar o senhor em casa!’, ‘Não vou eu’. Aí eu disse: ‘Vocês vão brigar por mode de eu! Vou já pegar um carro ali pra vocês não brigar’. Lhe digo uma coisa: o que eu disser que você tem aqui é confirmado pelo médico”.

Casca da ameixa, a casca do jatobá, do angico branco, pepaconha, corama, cebola branca e malvarisco. Esses são os ingredientes para uma boa garrafada, assegura o rezador, que faz gratuitamente para seus clientes, mas com uma condição: tem de ser por encomenda. “Faço garrafada pra inflamação, pra bronquite, catarro nos peito, pra tudo. O pessoal que trabalha aqui (no posto) já tudo levou lambedor feito pelas minhas mãos. Já veio gente de Sobral atrás do meu lambedor. Se tiver com um catarro muito pesado, sai logo. Uso romã também pra garganta. Se a pessoa tiver muito rouca é só pegar um caquinho de telha de cima da casa, pisar bem pisadinho,

fazer o chá e tomar. Só toma uma vez. Também serve pra hemorragia. Um dia eu tava aí e chegou uma moça. ‘Seu Ananias, tô há 16 dias sem parar’. Eu fiz o chá e dei pra ela e ficou boa”.

A fila cresce e o tempo se extingue. Melhor perguntar sobre o Pinhão. “Seu Ananias, por que o Pinhão?” “Pinhão roxo tira todo azar. A pessoa bem soubesse nunca estaria sem um pé de pinhão em casa, pois se vem um mal, ele rebate, vai pra outra casa. Se a senhora pegar uma folha dessa, botar dentro da vasilha com água, botar na sua casa e ela murchar, pode procurar que tem porcaria na sua casa”.

“Ontem rezei em 28 pessoas. Acho que já disse tudo né!”. Calma Seu Ananias, o senhor não me falou do quebranto. “Seu Ananias, quando chega uma criança aqui doente, como é que o senhor sabe que é quebranto?”. “Fica logo com os olhos amarelo. Eu rezo duas, três vezes, pronto, acabou o quebranto. Ah, quando reza ela limpa logo os olhinhos. Tem o quebranto das carnes e dos olhos. O pior é o que bota nas carnes, que seca logo. Uma vez veio um menino que há cinco anos tinha um quebranto. O menino chega tava seco. Rezei e ficou bom”.

Tempo esgotado. “O senhor pode rezar em alguém pra eu ver como é?” De súbito, Ananias pega as folhas de Pinhão e as percebe, admirada, sobre minha cabeça. As palavras jorram alto e claro de sua boca, e as folhas tocam minha pele. “Não quis dizer isso”, pensei. Mas tudo bem. No fim, a ressalva “Quem cura é a fé em Deus. Se a pessoa não tem fé pode rezar até nove vezes. Cobreiro é difícil de curar, tem que rezar nove vezes. Tem um rapaz que tá bem pertinho de chegar pra eu rezar, o cobreiro dele tá bem murchinho...”. Então o rapaz chegou. Fim de entrevista e início de mais uma cura do dia.

4.4 As rezas

Uma quantia de elementos negros, uma boa porção de ibéricos e uma pitada de reinterpretções e adaptações regionais. Isso misturado em um caldeirão de cultura católica resultou no acentuado sabor das rezas populares. Cura de pessoas ou animais, dar viço ao roçado, afastar e proteger dos males e até mesmo objetivos nada sagrados como ganhar no jogo do bicho, tudo isso encontrou nas bocas da cultura popular o paladar ideal para o desenvolvimento das mais variadas formas de ligar o homem ao divino através das palavras.

E vários são os elementos e características que podemos identificar nas rezas populares. Embora reconhecendo a imensidão do mar dessas orações, seja de origem, seja de conteúdo, e tendo em vista as variantes de cada região, baseando-se nas orações coletadas

tentaremos aqui destacar algumas dessas particularidades que consideramos serem recorrentes. Como fizemos nos capítulos anteriores, a fim de uma melhor visualização do tema, situaremos as rezas em grupos. Ressaltamos que o nosso objetivo aqui é tentar demonstrar as imbricações com a religião na medicina popular, ou melhor dizendo, as rezadeiras e suas orações com caráter terapêutico e de proteção. Portanto não destacaremos as rezas que tenham outros objetivos que não sejam a cura ou defesa dos males.

Como já afirmamos, trabalharemos com dois grupos diferentes de rezas: as de caráter curativo e as de proteção. Dentro do grupo terapêutico, temos as rezas que destinam o caráter de cura diretamente à entidade religiosa, as que revelam a figura do rezador como intermediário para o fim dos males, e as palavras ou expressões curativas sem apelo católico declarado.

Vamos começar pelas orações que destinam o caráter de cura diretamente ao santo católico. Que elementos podemos perceber para podermos situar uma reza nesse grupo? Bem, vejamos primeiramente um exemplo relatado por Eduardo Campos para dor de dente:

São Nicodemo, sarai este dente!

Sarai este dente!

Sarai este dente!

Este dente!

Este dente! (CAMPOS, 1955, p. 178).

O que podemos perceber nessa oração? O clamor para a cura do mal é direcionado à entidade responsável pela cura, nesse caso São Nicodemo. Apesar de ser uma súplica, a figura do rezador ou da pessoa que está efetuando a cura não aparece como um intermediário ou agente terapêutico. O uso da segunda pessoa é uma das características desse tipo de reza. Como outros exemplos dessas orações temos também para dor de dente e para expulsar a placenta retida após o parto: “Minha Santa Apolônia, eu vos peço, pelas dores-de-dente que vós sofreste, que façais essa dor passar, vós quereis vir tocar com vossa santa mão, e mandai essa dor parar na pancada do mar, amém!” (CAMPOS, 1955, p. 178).

Minha Santa Margarida,

Não estou prenhe nem parida!

Minha Santa Margarida,

Não estou prenhe nem parida!

Tirai esta carne podre

De dentro da minha barriga! (FERNANDES, 1938, p. 36).

Dentro do grupo de orações que evocam a entidades católicas temos algumas que apresentam uma interessante peculiaridade: são uma espécie de narrativa de episódios de cura vividos por esses personagens.

Estava Santa Sofia detrás de uma pedra fria, chegou Santa Pelonha (Apolônia) e perguntou: – Sofia, com que se cura impinge, cobrêro brabo, ardor, fogo selvage, queimadura, sarna, comichão e queimo? – Com água da fonte e ramo do monte, assim curou a sagrada e sempre Virge Maria, Amém. (CAMPOS, 1955, p. 164).

Como observa Moisés do Espírito Santo, tais orações seguem uma fórmula que narram um episódio mítico pelo qual as divindades remediaram o mesmo mal. Portanto, a rezadeira, ao providenciar a cura de seu paciente através da proferição de tais rezas, de certa forma revive esse episódio atemporal bem-sucedido de cura, garantido assim também a eficácia de seu rito. Vejamos mais exemplos desse tipo de reza: uma para cobreiro e outra para a cura de erisipela.

– Pedro, que tendes?
 – Senhor, cobreiro.
 – Pedro curai.
 – Senhor, com que?
 – Água das fontes, Erva dos montes. (CAMPOS, 1955, p.164)

Jesus, e João iam, os dois, por um caminho. Jesus perguntou a João:
 - João, tu viste alguma coisa em Roma?
 - Eu vi zipra, queimadura, vermelhão no corpo.
 - E que mais viste?
 - O povo morrendo de zipra, queimadura e vermelhão no corpo.
 - Então, volta João. Com os poderes de Deus, da Santa Virgem, volta lá e atalha a zipra, queimadura ou vermelhão no corpo. (CAMPOS, 1955, p. 174).

Mas e se a narrativa de cura se mostra muito longa? Calcada basicamente em uma tradição oral, ou seja, repassadas entre familiares ou conhecidos próximos simplesmente através da voz, as rezas, a fim de que sejam mais facilmente memorizadas, algumas vezes se apresentam como resumos de uma história maior. Vejamos o caso da reza para engasgo:

Homem bom,
 Mulher ruim;

Esteira velha,
Chiqueiro de cabra. (CAMPOS, 1955, p. 165).

Observando tal oração, em princípio, nenhuma mensagem nos é repassada. No entanto, por trás dessas palavras proferidas no momento da expulsão dos males há uma narrativa bem maior, que a sabedoria popular tratou de resumir a fim de facilitar a cura. Tal estória foi relatada por uma curandeira residente na cidade de Aracati a Eduardo Campos:

Andava Nosso Senhor no mundo, mais São Pedro, Um dia, chegaro numa casa, na horinha em que o dono dela ia botando o pé no estribo do cavalo, pra partir de viagem. Aí São Pedro olhou pro homem e lhe disse: “Nós queremos pousada”. O homem que era bom, mais ia viajar, disse: “Pode falar com a minha muié.” Mas a muié, quando o homem saiu, recebeu nosso Senhor e São Pedro muito mal. E quando São Pedro perguntou se tinha um lugarzinho pra comerem, ela disse que tinha um, lá no chiqueiro de cabra. Aí São Pedro perguntou se tinha qualquer coisa pra eles forrarem o chão pra dormirem. Ela respondeu zangada que lá no chiqueiro tinha uma esteira velha. E foi nessa esteira velha e no chiqueiro de cabra que nosso Senhor e São Pedro dormiram. No outro dia Jesus e São Pedro agradeceram a hospedaje e viajaro. Quando o marido da muié ruim voltou, encontrou a muié engasgada com uma espinha. Aperreou-se procurando um remédio e num achou pra livrar a muié dêle daquele aperreio. Então se lembrou de pedir a ajuda daqueles viajantes que tinham dormido em sua casa. Montou no cavalo e correu até se encontrar com Nosso Senhor e São Pedro. Sabedor da história tôda, disse Nosso Senhor: “Volta e diz pra tua muié: “*Homem bom, Mulher ruim; Esteira Velha, Chiqueiro de Cabra.*” E assim fêz o homem. E logo que recitou a oração, a espinha – zás – se desatravessou e ela ficou boa, arrependida de ter sido mulher ruim... (CAMPOS, 1955, p.166).

Quando falamos também no repasse dessas rezas, um outro elemento importante para uma eficaz memorização, mesmo considerando as perdas de trechos ou acrescentamentos, como uma espécie de adaptação regional, são as rimas, que empregam uma musicalidade às orações quando proferidas pelos rezadores.

Em nome da Virgem,
Quebranto, mau-olhado,
Sai-te daqui,
Que êste menino,
Não é para ti (ODORICO *apud* CAMPOS, 1955, p. 170).

Eu te benzo em cruz, com a luz,
 E com o sangue de Jesus.
 Usagre, fogo-selvagem, vai-te daqui...
 Que eu sinto nojo de ti. (CAMPOS, 1955, p. 178).

Carne trilhada,
 Nervo torcido,
 Ossos e veias
 E cordoveias;
 Tudo isso eu coso
 Com o louvor
 De São Frutuoso. (BARROSO, *apud* MAGALHÃES, 1966, p. 238).

Agora vamos falar das orações que revelam a figura do rezador como intermediário para o fim dos males. Nesse caso quem pratica a cura “adquire” poderes. Não, não estamos falando de um raio que vai descer do céu sobre o rezador e lhe dará poderes paranormais e nem de nenhuma outra experiência mística, nada disso. Quando falamos que o rezador ganha poderes, é através das palavras que ele mesmo profere. Para entendermos melhor vejamos esse exemplo de oração para “levantamento de espinhela”:

Eu entro na palavra de Deus-Padre,
 Com as palavras de Deus-Filho
 E de Deus-Espírito Santo;
 Espinhela caída eu te levanto
 Com arcas e tudo,
 Com os poderes de Deus-Padre,
 Com os poderes de Deus-Filho,
 Com os poderes de Deus-Espírito Santo,
 Amém. (CAMPOS, 1955, p. 156).

Diferentemente dos casos anteriores, o que percebemos aqui é o surgimento da figura do rezador como agente da cura. O uso da primeira pessoa ressaltando o protagonismo da ação, como no “Eu entro” e “Eu te levanto”, ao mesmo tempo em que destaca, imprime na mente de quem as ouve, no caso o paciente, uma aura de poder do curador; que por sua vez é contrabalançado com expressões que dão ideia de “através de”. Vejamos outros exemplos:

Na casa em que Deus nasceu
 Todo mundo resplandeceu
 Na hora em que Deus foi dado
 Todo mundo iluminado
 Seja em nome do Senhor
 Êsse teu mau curado
 Espinhela caída e ventre derrubado
 Eu te ergo, curo e saro
 Fica-te, espinhela, em pé!
 Sant'Ana, Santa Maria, em nome do Padre
 do Filho e do Espírito Santo.” (CAMPOS, 1955, p. 156).

“Deixa, cobrêro, fulano (nome do doente) livre. Assim quer o Senhô. Eu te benzo, eu te curo, com a vontade de Deus, amém.” (CAMPOS, 1955, p. 164).

Nos dois últimos casos fica bem evidente o poder de cura atribuído à rezadeira. Mais do que uma mera conhecedora de ervas e técnicas de cura, ela é uma intermediária do divino para a expulsão dos males. A ligação entre rezadeira e divino aqui é direta, ela é uma espécie de iluminada, pelo qual a benevolência divina se manifesta.

No terceiro grupo de rezas inserimos aquelas expressões ou palavras com intenções curativas que não fazem apelo a Deus ou a elementos católicos. Proferidas em meio a ritos, essas palavras podem ser confundidas como integrantes de uma simpatia, no entanto, entendendo que simpatias são aqueles rituais que apelam ao físico ou às forças e energias sobrenaturais, não havendo assim a construção ou visualização de uma entidade, mas de energias cósmicas, vemos que essas frases apelativas revelam um clamor direcionado a algo ou alguém. Vejamos o caso da reza para mordidas de animais peçonhentos:

Oh! Estrela gloriosa e preciosa, que Deus criou como defensora do veneno de fulano. Permita Deus que êste veneno se transforme em sangue para sustento de seu corpo, em nome dos 7 mistérios divinos, para sempre, amém. (Jesus, 5 vezes. Cada vez um padre-nosso, uma ave-maria, uma glória ao Pai em intenção dos sete mistérios divinos e das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.) Assim como Jesus Cristo está salvo e são das suas 5 chagas, salvo seja fulano do veneno desta serpente, que Deus pode, Deus quer, Deus faz, tudo quanto quer, assim será feito tudo com o nome de Deus, para o bem e da caridade. (CAMPOS, 1955, p.172).

Mais do que um corpo celeste físico, nessa oração a estrela é personificada de tal forma que atua como intercessora na salvação do “ofendido”. Ela, juntamente de Deus, é também uma entidade - embora com um poder evidentemente menor - a quem o rezador clama. Nesse grupo de personificações podemos ver até mesmo a própria doença, com a qual é traçado muitas vezes um verdadeiro diálogo.

“Sai dor-de-barriga que está aí, que a Cruz de Cristo está aqui.” (CAMPOS, 1955, p. 155).

“Terçol, terçol, vai-te com o sol.” (MAGALHÃES, 1955, p. 219).

- Rosa venenosa
 que fazes aqui?
 Eu seco o sangue
 E mirro a carne!
 - Não secas o sangue
 nem mirras a carne
 que eu te darei com que a apagues
 que ela desaparecerá
 como o sol na água! (ESPÍRITO SANTO, 1990, p. 150).

E quando falamos de origem das rezas, o que se pode afirmar? Bem, no mínimo que é diverso. No entanto não cairemos em erro ao dizer que muitas das orações proferidas por nossas rezadeiras têm origem europeia, mais notadamente portuguesa, embora, ressaltamos, as alterações sofridas durante o repasse oral desse material, além das adaptações locais, tenham o seu peso. Por isso é difícil falar de uma origem única para todas as rezas, devido ao fato de estarem constantemente ressurgindo. É em cada pessoa que aprende essas rezas, a cada geração em que essas orações são repassadas, que elas renascem, ganhando assim um sentido vivo para diferentes povos. Como afirmou Zumthor (2000, p. 65), “transmitida a obra pela voz ou pela escrita, produzem-se, entre ela e seu público, tantos encontros diferentes quantos diferentes ouvintes e leitores”.

Tomemos como exemplo os meios para cura de erisipela, ou izipa que foi encontrada registros seus num código austríaco do século IX, ainda na época da cristianização da Europa por Carlos Magno.

Do tutano deu no osso,

do osso deu no nervo,
do nervo deu na carne,
da carne deu na pele,
da pele foi para as ondas do mar... (BRASIL FOLCLORE, [200?], não
paginado).

Já uma variante muito parecida dessa reza encontramos aqui no Brasil da seguinte
forma:

Isipra, isipela, isipelão
do tutano vai pro ôsso,
do osso vai pra carne,
da carne pra pele,
da pele pras onda do mar sagrado... (MAGALHÃES, 1966, p. 223).

Embora sendo a maioria, as rezas de cura não são exclusivas na cultura popular.
Temos também as rezas de proteção, um clamor às divindades para que males, tanto físicos
quanto espirituais, não venham a atribular a vida de quem roga.

“Leva o que trouxeste. Deus te benza com a sua santíssima cruz. Deus me defenda
dos maus olhos e mau-olhados e de todo o mal que me quiserem fazer, e tu és de ferro e eu sou de
aço, tu és o demônio e eu o embaraço.” (CAMPOS, 1955, p. 168).

São Bento, água benta,
Jesus Cristo no altar,
Benzei estes caminhos,
Que neles eu quero passar. (Ed. 174).

Caia sobre o meu inimigo o medo e o pavor, pela força do teu braço fiquem
imóveis o meu inimigo até que passe vosso servo, Senhor, Santo Deus, Santo
Forte, Jesus Nazareno, que no mundo andasseis, teus inimigos abrandaces, meus
inimigos não me ofenderão, faca, chumbo, todo instrumento cortante e
perfurante não me entrará por onde eu fôr de noite ou de dia, a luz de Deus me
iluminará. Jesus Nazareno, valei-me e defendei-me de todos inimigos e de todo
mal que me tentarem faser, por caminhos escuros andarei, bons ou mãos me
acompanharão, assim como acompanharam P. São Francisco. Vala-me me
senhor Jesus Cristo, a flor de sua Mãe Maria Santíssima a Hóstia Consagrada e o
mistério da Cruz! (FERNANDES, 1938, p. 45,46).

4.5 Mais elementos das rezas – os santos católicos, números e o mar sagrado

Assim como a medicina oficial tem os profissionais especializados em determinadas áreas, a medicina popular também possui os seus: são os santos, figuras da religião católica presentes em várias rezas utilizadas como instrumento de cura. Seja para males de cunho físico, por exemplo dor de dente, dor de cabeça, fraturas; ou de cunho espiritual, como quebranto e mau-olhado, cada santo tem um poder determinado de cura.

São Anastácio para a cura de doenças na cabeça, Santa Margarida, para problemas durante o parto, Santa Apolônia, para dor nos dentes. O que faz com que determinadas entidades sejam vinculadas na medicina popular de forma específica para tais doenças? Como uma espécie de homeopatia ritual, recorrendo assim aos princípios das similitudes, a cura de determinada mazela é destinada pela medicina popular, ao santo que, em vida ou até mesmo após ela, esteja relacionado de alguma forma com a doença, seja um episódio vivido por ele ou, mais comumente, a forma como foi martirizado. Sobre a origem de tal associação nos sinaliza Jósia Magalhães (1966, p. 214):

Ao tempo em que os eclesiásticos prevaleciam no exercício da medicina, deslindada influência houveram os santos com os seus poderes curativos. Inúmeros santos havia que eram invocados especificamente para determinadas doenças. Às relíquias sagradas, sobretudo, se atribuíam milagrosas curas. São Brás protegia os doentes da garganta, São Valentim era o patrono da epilepsia. Santa Apolônia sedava as dores nos dentes. Santa Margarida amparava a mulher padecente das dificuldades do parto e demais perturbações dêle decorrentes. Aqui, merece destaque o que de Santa Margarida divulga Benjamim Lee Gordon (La Novela de la Medicina, p. 326): “Os restos mortais de Santa Margarida, a virgem, martirizada em Antioquia, no ano 303 E.C., foram transmitidos de uma rainha a outra de maneira muito semelhante ao que ocorre com as jóias da coroa. O corpo de Santa Margarida era levado até a alcova da rainha, quando esta estava em trabalho de parto, a fim de que o herdeiro do trono nascesse sem riscos, prontamente, e sem produzir dores à sua augusta mãe.”

Outra espécie de associação por similitude pode ocorrer com relação ao nome do santo. É por causa da sugestão de luz e claridade de seus nomes, aspectos que associados à visão são positivos, ao contrário da escuridão (a cegueira), que Santa Luzia e Santa Clara são relacionadas, na medicina popular, à cura de males oculares. É com esse mesmo princípio que na

França, como relata Laplantine, que São Genou (joelho) é invocado para curar a gota, São Clou, os furúnculos (clous) e Santo Acário, as mulheres rabugentas (acariâtres).

Explicitada a relação da medicina popular com os santos católicos vamos agora ficar sabendo de que forma nela se situam os números. Os números? É isso mesmo! Primeiramente vejamos o exemplo de uma reza e um rito para a cura de picadas de animais peçonhentos:

Uma, duas, três,
 Íngua nenhuma...
 Uma, duas, três,
 Íngua nenhuma. (CAMPOS, 1955, p. 178).

Vire-se para o lado que estiver o enfêrmo, longe ou perto. Se estiver na presença da vítima, cuspa na bôca (da pessoa ou animal), rodeando da direita para a esquerda 3 vêzes e rezando o credo. Arregace a bôca das calças fazendo 3 dobras. Dobrando também 3 vêzes as mangas da camisa. Cruze o pé direito por cima do esquerdo e o dedo polegar por cima do indicador. Retire algum aço, ferro ou dinheiro, e inicie a seguinte oração: Oh! Estrela... (CAMPOS, 1955, p.172).

O que podemos perceber em comum nesses dois textos? A recorrência do aparecimento do número 3, presente em várias rezas e ritos, e que na medicina popular, juntamente com seus múltiplos, possui uma espécie de poder, algo como um número “cabalístico”. Muito comum entre as rezadeiras é pedir que para quebranto se reze três vezes e para cobreiro, nove. As explicações para a origem de tal ligação com o número 3 são de uma possível associação com a trindade - Pai, Filho e Espírito Santo - o que é o mais provável -, da influência do Lunário Perpétuo, manual que atuou como uma espécie de Bíblia dos curandeiros do sertão nordestino, ou ainda como defende Moisés do Espírito Santo, um símbolo sexual – pai, mãe e filho – tese a qual não compactuamos.

Por fim, vamos falar de um elemento das rezas muito interessante, que é o “mar sagrado”. Encontrado ainda com as variações de “mar salgado” ou ainda “mar coalhado”, essa última portuguesa, o mar surge nas rezas como um sítio onde o que é negativo se torna positivo; as doenças são curadas, os males espirituais cessados. Atuando como agente terapêutico e de proteção, basta nas suas águas o mal lançar para garantir o resultado almejado.

Mordido por um cão hidrófobo, o matuto empreende logo uma viagem a determinado ponto da praia, antes de completar três sextas-feiras da data do

acidente, e ali toma três banhos de mar. Cada banho consiste em furar, também por três vezes, consecutivas, “as ondas do mar sagrado”. (ROCHA LIMA *apud* MAGALHÃES, 1966, p. 215).

“O umbigo do recém-nascido deve ser jogado às ‘águas sagradas do mar’ para garantir à criança um futuro feliz.” (CAMPOS, 1955, p. 73).

Nas rezas, a referência ao mar surge com um caráter de neutralizador das forças negativas. Todas as mazelas são direcionadas ao “mar sagrado” em uma dualidade de um lugar factível, presenciável, e ao mesmo tempo utópico, distante do rezador e do doente, onde os males seriam deixados.

Fulano, estás enfeitado,
inchado, virado ou mal-olhado?
Eu te desenfeitado, desligo, talho
e desenlaço.

(Fazendo uma cruz no ar)

Eu talho o sopro do vento:

o ar de cima e o ar de baixo;

o ar do norte e o ar do sul;

o sopro do vento e o da chuva,

ar de cristão, de judeu ou de pagão.

Eu talho tudo.

Quem quer que sejas,

o mal da inveja,

ou a água do ventre.

Eu te talho e te degrado

para as ondas do mar Coalhado

onde não canta nem galinha nem galo.

Para que o corpo

torne ao estado

como foi nascido e gerado

pelo poder de Deus e da Virgem Maria. (ESPÍRITO SANTO, 1990, p. 150).

“Deus fêz o Sol, Deus fêz a Lua...Deus fêz toda a claridade do Universo grandioso. Com a sua graça eu te benzo, eu te curo. Vai-te sol da cabeça desta criatura (diz o nome da

peessoa) para as ondas do mar sagrado, com os santos poderes do Padre, do Filho e do Espírito Santo.’ (CAMPOS, 1955, p. 161).

Mas afinal, por que essa referência ao mar como sagrado? Bem, segundo Eduardo Campos essa referência seria uma herança do candomblé.

O “mar sagrado” surge em dezenas e dezenas de orações que tivemos oportunidade de ouvir recitadas. Inicialmente, pensamos estar na Bíblia a sua origem, mas nada conseguimos para robustecer essa hipótese. O folclorista Dr. Mário Ypiranga Monteiro, solicitado por nós, assim se manifestou: “A princípio pode parecer que se trata de uma sobrevivência bíblica, mas não é, é puro candomblé, do bom. Trata-se de uma talassolatria (adoração ao mar), e que nos deuses do mar, na mitologia negra são frequentes.” E assinala esta quadra de candomblé, de seu conhecimento: “(sic) Fazem três dias que ando/ chorando à beira mar;/ às águas do mar sagrado/ é a quem me vou queixar.” (CAMPOS, 1955, p. 162).

Já para Araújo a referência ao mar tem sua origem na ideia de poder terapêutico do sal.

É para as ondas do mar salgado ou sagrado que os benzedores enviam os maus-olhados e invejas; o que não é desejado é endereçado para um lugar tão distante onde também não se ouve o canto do galo. É o poder do sal capaz de quebrar todos os encantos e prender as doenças ou espíritos indesejáveis. (ARAÚJO, 2004, p. 139).

Segundo Eliade (2002, p.151-152), a simbologia em torno das águas remota a distantes civilizações e aos mais díspares povos e está presente em todas as religiões:

As águas simbolizam a soma universal das virtualidades; elas são fons e origo, e reservatório e todas as possibilidades de existência; elas precedem de toda forma e sustentam toda criação. (...)Em qualquer grupo religioso que se encontrem, as Águas conservam invariavelmente sua função: elas desintegram, eliminam as formas, “lavam os pecados”, são ao mesmo tempo purificadoras e regeneradoras. Seu destino é o de preceder a Criação e reabsorvê-la, incapazes que são de ultrapassar sua própria modalidade, ou seja, de manifestar-se em formas.

4.6 Performance

Gestos que talham, cruzam, cortam. Aliada às rezas, a performance é um elemento constituinte da cura no trabalho das rezadeiras. É através de caminhadas e giros, mãos espalmadas abertas sobre a cabeça do doente, ou fechadas, segurando um ramo de planta, cruces e outros passos desse balé terapêutico que os males são expurgados e as dores cessadas.

Mas como decodificar a performance das rezadeiras? Qual a razão de tais gestos? Cada movimento, cada toque, embora isso seja por vezes inconsciente das rezadeiras, não está ali à toa, mas senão para empreender, aos olhos de quem recebe a cura, uma veracidade do ofício da rezadeira. Expliquemos melhor: ao contrário do médico, que tem um aparato essencialmente físico e palpável para a realização de seu trabalho, a rezadeira tem como instrumento a voz, as palavras, que, embora sendo resultado de movimentações físicas dos músculos, não podem ser tocadas, são efêmeras, e no caso das rezadeiras, menos perceptíveis aos sentidos do paciente por serem pronunciadas de forma surda, através de balbucios ou em um volume de voz muito baixo. Então o que o paciente tem de mais sensível para garantir que ele está mesmo sendo curado: os gestos.

Com movimentos sempre vindo do interior com direção ao exterior, de dentro pra fora, a rezadeira, ao mesmo tempo em que cura está comunicando o paciente de tal ato. “A performance dá ao conhecimento do ouvinte espectador uma situação de enunciação” (ZUMTHOR, 2000, p. 83). Esse doente, por sua vez, além de receptor, integra essa performance na medida em que dela é participante, e ainda ao integrar-se ao espaço em que ambos, paciente e rezadeira, se situam.

Na situação de oralidade pura, tal como pode observá-la um etnólogo entre populações ditas primitivas, a “formação” se opera pela voz, que carrega a palavra; a primeira “transmissão” é obra de uma personagem utilizando em palavra sua voz viva, que é, necessariamente, ligada a um gesto. A “recepção” vai se fazer pela audição acompanhada da vista, uma e outra tendo por objeto o discurso assim performatizado: é, com efeito, próprio da situação oral, que transmissão e recepção aí constituam um ato único de participação, co-presença, esta gerando o prazer. Quanto à “conservação”, em situação de oralidade pura, ela é entregue à memória, mas a memória implica, na “reiteração”, incessantes

variações re-criadoras: é o que, nos trabalhos anteriores, chamei de *movência*. (ZUMTHOR, 2000, p. 77).

Mas não é somente durante a cura que a performance comunica ao doente de tal ato.

Você entra numa sala de teatro, escreve J. Feral, onde uma disposição cenográfica espera visivelmente o começo de uma representação. O ator está ausente. A peça não começou. Pode-se dizer que aí há teatralidade? Resposta: Uma semiotização do espaço teve lugar, o que faz com que o espectador perceba a teatralização da cena e teatralidade do lugar. Uma primeira conclusão se impõe. A presença do ator não foi necessária para registrar a teatralidade. Quanto ao espaço, ele nos aparece como portador de teatralidade porque o sujeito aí percebeu relações, uma encenação. (FÉRAL *apud* ZUMTHOR, 2000, p. 47-49).

Transpondo esse conceito para o mundo das rezadeiras, o que podemos compreender? Que já ao entrar na casa da rezadeira, e em sua maioria deparando-se com uma muda de pinhão plantada no jardim, ou imagens católicas na estante ou ainda quadros com orações católicas na parede, o doente já é informado que aquele ambiente é diferente, um ambiente de cura, que assim lhe é reconhecido devido às informações oriundas de sua cultura.

Seguimos com o artigo de² J. Ferral (*apud* ZUMTHOR, 2000, p. 47-49):

Outra situação, mais complexa, e mais interessante porque ambígua. Num lugar público (o artigo diz: no metrô) alguém fuma; um outro o agride, arranca seu cigarro ou comete uma outra ação violenta. Para a multidão que enche o vagão trata-se de um acontecimento. Mas alguém nessa multidão sabe que isso é simplesmente um jogo, montado por uma associação antitabagística. Há então teatralidade? Para a multidão não. Mas para o espectador a par do plano, sim. “A teatralidade neste caso parece ter surgido do saber do espectador, desde que ele foi informado da *intenção de teatro* em sua direção. Este saber modificou seu olhar, forçando-o a ver o espetacular lá onde só havia até então o acontecimento. Ele transformou em ficção aquilo que parecia ressaltar do cotidiano, ele simiotizou o espaço, deslocou os signos que ele então pode ler diferentemente...”

² Féral, J. “La théâtralite”. Poétique. 1988, p. 348 – 350.

A teatralidade aparece aqui como estando do lado do performer e sua intenção firmada de teatro, mas uma intenção cujo segredo o espectador deve partilhar.

Daqui o que podemos concluir? Que o doente, no caso das rezadeiras, com ela partilha dessa ideia de que será através da reza que a cura será obtida; ideia essa calcada nas informações culturais de ambos. Similar ao exemplo citado, se levássemos uma pessoa que nunca viu uma rezadeira, não tem nenhuma ideia do seu trabalho, para uma benzedura, ela poderia até desconfiar de que se trataria tal ato uma cura, mas certamente não teria o mesmo grau de compreensão do que uma pessoa que tem saberes acerca disso. Assim como o homem do metrô que vê uma peça onde outros veem uma agressão, o doente vê um meio de cura onde outros só enxergam um gestual.

A condição necessária à emergência de uma teatralidade performancial é a identificação, pelo espectador-ouvinte, de um outro espaço; a percepção de uma alteridade espacial marcando o texto. Isto implica alguma ruptura com o “real” ambiente, uma fissura pela qual, justamente, se introduz essa alteridade. (ZUMTHOR, 2000, p. 49).

4.7 As plantas

Não poderíamos falar de rezadeiras sem falar do seu apetrecho mais utilizado durante o trabalho de cura que é o raminho de planta. Arruda, Pinhão-Roxo ou Vassourinha, esses três vegetais são os responsáveis por uma espécie de ligação do homem com o sagrado quando utilizados nos rituais de cura. Para entendermos como se dá esse elo, precisamos ver que valores, historicamente, o homem vem atribuindo às plantas.

Não é de hoje que a figura do vegetal, mais precisamente da árvore, atua como instrumento sacro. Segundo Mircea Eliade (2001), a morada das populações primitivas árticas, norte-americanas e norte-asiáticas apresenta um poste central que liga a terra a céu. Já entre os nômades australianos achilpa, o ser divino Numbakula, do tronco de uma árvore da goma moldou o poste sagrado, subiu dele e desapareceu no céu. A árvore, nesses casos é o meio essencial de manifestação do divino, como o é também nas rezadeiras. Segundo Eliade (2001), esse emprego não só da árvore, como dos vegetais em geral como sagrados tem origem nos próprios ciclos de desenvolvimento das plantas.

Ao nível da experiência profana, a vida vegetal revela apenas uma seqüência de “nascimentos” e “mortes”. É a visão religiosa da Vida que permite “decifrar” outros significados no ritmo da vegetação, principalmente as idéias de regeneração, de eterna juventude, de saúde, de imortalidade. A idéia religiosa da *realidade absoluta* é simbolicamente expressa, entre tantas outras imagens, pela figura de um “fruto miraculoso” que confere, ao mesmo tempo, imortalidade, onisciência e onipotência e que é capaz de transformar os homens em deuses. (ELIADE, 2001, p. 124).

Ainda segundo o autor, simbolizando não somente o cosmos, mas a vida, a juventude, a imortalidade, a sapiência, mas tudo que o homem considera sagrado por excelência, a árvore fornece ao homem o acesso àquilo que é de privilégio dos deuses. Daí a origem dos mitos de “fruto da imortalidade” ou folhagens miraculosas.

É nesses símbolos de uma Árvore cósmica, ou da Imortalidade ou da Ciência, que se exprimem com o máximo de força e clareza as valências religiosas da vegetação. Em outras palavras, a árvore sagrada ou as plantas sagradas revelam uma estrutura que não é evidente nas diversas espécies vegetais concretas. (...) é a sacralidade que desvenda as estruturas mais profundas do mundo. O cosmos só se apresenta como uma “cifra” segundo uma perspectiva religiosa. É para o homem religioso que os ritmos da vegetação revelam o mistério da Vida e da Criação, e também da renovação, da juventude e da imortalidade. Poder-se-ia dizer que todas as árvores e plantas consideradas sagradas (por exemplo, o arbusto ashvatha, na Índia) devem sua condição privilegiada ao fato de encarnarem o arquétipo, a imagem exemplar da vegetação. Por outro lado, é o valor religioso que faz que uma planta seja cuidada e cultivada. Segundo alguns autores, todas as plantas cultivadas atualmente foram consideradas na origem plantas sagradas. (ELIADE, 2001, p.125).

Aproximando mais do campo das rezadeiras, encontramos ainda entre os xamãs essa sacralização da árvore. Segundo Eliade (2001), entre as lendas iacutas, os xamãs nascem em um pinheiro gigante com ninhos sobre os galhos. Entre os samoiedos temos a árvore como figura de Senhor da Terra.

E se a árvore vem representando, ao longo da história humana, o “sagrado por excelência”, nada mais natural então que seus “poderes” fossem empregados em momentos de

cura. Entre os europeus a Arruda foi a erva sacralizada, usada por feiticeiros em atos de magia e cura.

Arruda (*Ruta graveolens*, L.) não dá felicidade mas expulsa as “fôrças” dos inimigos. Jesus Cristo citou-a, *Lucas*, 11, 42. Antigamente levava-se invariavelmente um galinho de arruda no bôlso e as mulheres nos cós das saias. Os prêtos eram fanáticos. A Arruda não foi vulgar na África, ocidental e oriental. Seu prestígio veio da Europa. Era dominadora no Brasil e não desapareceu a preferência popular por ela. (CASCUDO, 1971, p. 57).

Já para o uso da vassourinha encontramos uma citação da origem em Araújo: “Das plantas mais conhecidas na farmacopéia dos cariri pode ser salientada a vassourinha (*Gephalantus scoparius*) com o emprego tanto do ‘botão’ como da ‘muda’ contra o ‘mau-olhado’ e ‘ventre caído’” (Ferrari *apud* Araújo, 2004, p. 75). O Pinhão-Roxo, por sua vez era empregado nas cerimônias de benzedura do catimbó.

Do que podemos empreender após vermos as origens das crenças de sacralidade dessas três plantas? Que ao encontramos rezadores que rezam somente com arruda, outros com vassourinha e outro grupo que só aceite pinhão-roxo, vemos além de uma escolha pessoal, a origem da maior influência que receberam. Ora, se uma rezadeira crê nos poderes de cura da vassourinha, provavelmente seus ritos de cura são mais baseados em saberes indígenas, assim como arruda com influências européias e pinhão com crenças negras. É através das ervas utilizadas que vemos a mais fascinante qualidade da medicina popular: a mistura de crenças e saberes.

5 CONCLUSÃO

Atualmente muito se tem falado acerca de pesquisas que relacionam a importância da fé na cura de pacientes imersos em enfermidades. Estudos com esse tipo de enfoque podem até parecer uma surpresa para os mais céticos, mas para os religiosos, isso não é nenhuma novidade. É de fato, religião e medicina sempre andaram próximas. Afirmação essa facilmente constatada ao observarmos a religiosidade popular. Exemplos dessa ligação íntima entre duas áreas aparentemente distintas são os ex-votos e promessas.

Envolta nesse contexto de conhecimentos empíricos e crenças, temos a figura da rezadeira, misto de farmacêutica e médica do povo. Como agente de cura, utilizam apenas sob suas mãos calejadas, um ramo de planta. Os toques na pele do “paciente” aliados a uma profusão de palavras e balé de gestos. Em uma chamada era global, onde o conhecimento chega em forma de avalanche, ainda é fácil encontrá-las, principalmente nas comunidades pobres e rurais, onde os braços da “ciência oficial”, se não alcançam, não chegam de forma satisfatória.

Fugindo à fácil crítica acerca da sobrevivência de tais práticas, e da eficácia ou não de seus gestos, é importante ver-se a rezadeira não como uma sombra de atraso científico, mas sim como uma espécie de psicóloga, que, se não cura, ao menos ameniza com esperança o sofrimento espiritual ou psicológico de pessoas doentes. Mais do que rezadeiras, são também fortes líderes em suas comunidades, e aí está a importância de se não combater, mas aliar a força da liderança que essas pessoas exercem, aos programas de saúde preventiva. E já que se fé e medicina estiveram sempre tão próximas, nada melhor do que atuarem juntas na cura ou alívio dos males.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRANDÃO, Junito de Sousa. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1992.

BRASIL FOLCLORE, [200?], não paginado. Disponível em
<<http://www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/reza.htm>> Acesso em: 10 jul. 2006.

CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular: superstições, crendices e mezinhas**. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1955.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Tradição, Ciência do Povo: pesquisas na cultura popular do Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

ELIADE, Mircea. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESPÍRITO SANTO, Moisés. **A religião popular portuguesa**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990.

FERNANDES, Gonçalves. **O folclore mágico do nordeste**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

LAPLANTINE, François. **Antropologia da doença**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: USP – Escola de Comunicação e Artes, 1971

MAGALHÃES, Jósa. **Medicina Folclórica**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.

ANEXO

ANEXO A - REZAS COLETADAS

PARA FACILITAR UM PARTO COMPLICADO

“Deus seja desta morada, Deus e o Gabriel, que é dono desta espada.”

Com todos os poderes de Deus-Padre e do Espírito Santo, ficai de tôda livre... ficai de tôda livre. Enquanto isso, a parturiente, muitas vêzes soluçando de dor, há de rezar em voz alta: “Oh, minha Santa, minha Santa Margarida. Não estou prenha nem parida. Tirai de vez o que está na minha barriga. Oh, valei-me, Santa Margarida. Não estou prenha nem parida... não estou prenha nem parida. Livrai-me tu com os poderes de Deus e também da poderosa Virgem Maria.”

COBREIRO (*Herpes Zóster*)

“Cobreiro macho sai da cabeça de fulana, corto-te a cabeça e o rabo.”

“- Pedro, que tendes?

- Senhor, cobreiro.

- Pedro, curai.

- Senhor, com que?

- Água das fontes, ervas do mato.

- Ervas do mato.”

“Deixa, cobrêro, fulano (nome do doente) livre. Assim quer o Senhô. Eu te benzo, eu te curo, com a vontade de Deus, amém.”

“Eu te corto coxo, coxão, sapo, sapão, cobra, cobrão, lagarto, lagartão, e todo bicho de sua nação, para que não cresças nem apareças, nem dobres o rabo com a cabeça. Santa Iria três filhas tinha, uma se assava, outra se cozia e outra pela água ia, perguntou a Nossa Senhora que fazia: que lhe cuspiisse e assoprasse que sararia.”

“-Pedro, que tendes?

- Senhor, cobreiro.

- Pedro, curai.

- Senhor, com que?

- Água das fontes,
Erva dos montes.”

“Estava Santa Sofia detrás de uma pedra fria, chegou Santa Pelonha (Apolônia) e perguntou: Sofia, com que se cura impinge, cobreiro brabo, ardor, fogo salvage, queimadura, sarna, comichão e queimo? – Com água da fonte e ramo do monte, assim curou a sagrada Virge Maria, Amém.”

HEMORRAGIA

“Sangue tem em si, como N.S. Jesus Cristo teve no horto. Sangue que tem na veia, assim como N.S. Jesus Cristo teve na ceia.”

“Quando Deus saiu no mundo
Foi tomando sangue de palavra
Tim, Tim!
Foi tomando sangue de palavra
No corpo, nas veias, no útero
Tim, Tim!”

“No sangue de Adão nasceu a morte. No sangue de Cristo nasceu a vida. Terás sangue como Jesus teve em si. (Cruz) Terás sangue nas veias como Jesus teve na ceia (Cruz outra vez) Terás sangue no corpo como Jesus teve no horto para sempre, amém.”

“Sangue tem-te em ti,
Como Nosso Senhor Jesus Cristo
Teve em si.

Sangue tem-te na veia,
 Como Nosso Senhor Jesus Cristo
 Teve na ceia.
 Sangue tem-te no corpo,
 Como Nosso Senhor Jesus Cristo
 Teve no hôrto.
 Sangue tem-te firme e forte,
 Como o teve Jesus Cristo
 Na hora da morte.”

“Expanda a Virgem Maria que vejo sangue, sangue tem-te em ti, assim como Nosso Senhor Jesus teve em si, sangue, tem-te nas veias de (Fulano) assim como Jesus Cristo teve na ceia, sangue tem-te no corpo de (Fulano) assim como Nosso Senhor Jesus Cristo teve no hôrto, amém.”

ÍNGUA

“Minha estrela donzela, esta íngua diz que morrais vós e cresça ela, eu digo que cresçais vós e morra ela.”

“Três, duas, uma, íngua nenhuma.” (Nesse caso a reza é associada a um rito do próprio doente, que pode ser deitar-se em decúbito dorsal e contar as ripas de um telhado até o número três, repetidamente, em ordem decrescente; ou ainda tocar com o pé a cada pedra da trempe de um fogão dizendo cada vez a reza. Temos também contar os dedos dos pés, ou pôr em pé, apoiadas numa parede, três varas verdes e do mesmo tamanho e, em seguida, o enfermo apontando com o pé doente, as contas em sentido inverso, três vezes seguidas).

“Que é que eu corto? (rezadeira pergunta)

Íngua. (responde o doente)” (Temos aqui também mais uma reza associada a rito, no entanto, a figura da rezadeira já aparece. Ela tira a marca do pé sobre o solo e depois corta em cruz com um tição de fogo, fazendo tal pergunta a seu paciente.)

“Minha estrela rica e bela,
 Esta íngua diz que morra vós e viva ela
 Mas eu digo que viva vós e morra ela.”

“Uma, duas, três,
 Íngua nenhuma...
 Uma, duas, três,
 Íngua nenhuma.”

ENGASGO

“Homem bom
 mulher má
 Casa velha
 Esteira furada.”

“Home bom, mulé má, estêra velha não tem o que cear. São Brás Bispo, foi palavra que Deus disse, desengasga isso ou pra cima ou pra baixo, amém.”

“Homem bom,
 Mulher má,
 Casa varrida,
 Esteira rota;
 Senhor São Brás
 Disse a seu moço
 Que subisse
 Ou que descesse
 A espinha do pescoço.”

“São Braz Bispo!
 Homem bom e mulher má
 Esteira velha e ceia má
 Foi Deus Nosso Senhor quem disse

Que és de desengasgar!”

PARA A PARTURIENTE “LIBERAR A PLACENTA” (Retenção placentária)

“Minha Santa Margarida,
 Não estou prenha, nem parida;
 Tirai esta carne podre
 De dentro de minha barriga.”

“Minha Santa Margarida, nem estou prenha nem parida, tirai estas carnes podres de dentro de minha barriga. Cansada e aflita, foste virgem ao pé da cruz e eu cansada e aflita, vale-me Mãe de Jesus.”

VERRUGA

“Estrêla, toma minha verruga.” (Reza associada a rito. O doente fixa sete estrelas luminosas no céu e conta. Após isso, olha para uma delas, fricciona a verruga e diz a frase citada.)

“Joga três pedras de sal no fogo e sai correndo com as mãos nas orelhas :
 O sal está queimando,
 A verruga se acabando...
 O sal está queimando,
 A verruga se acabando.”

TERÇOL

“Terçol, terçol, vai-te com o sol.”

AZIA

“Santa Sofia
 Tinha três fia:
 Uma cosia,
 Uma bordava,
 Uma curava
 Mal de azia.”

“Santa Iria
 Tinha três filhas:
 Uma que corta,
 Outra que borda,
 Outra que cura azia.”

“Santa Sofia
 Tinha três fia
 Uma cosia,
 Uma bordava,
 Outra curava
 Mal de azia!”

ERISIPELA

“Pedro e Paulo iam a Belém
 Com Jesus Cristo,
 Encontrou Pedro.
 - Que há por lá?
 - Mar de monte e Sepamar.
 - Volta para (sic) traz
 Vai curar.
 Que com o galho da minha oliveira
 Curar Mal de monte e Izipamar
 Não tira com o poder de Deus Padre,
 De Deus Filho,

De Deus Espírito Santo,
 S.S Sacramento do altar.
 Que tu és de ficar livre deste mal!
 De Mal de Monte e Izipramar!

“Erisipela, erisipela...sai daqui sem mais aquela.”

“- Onde vai, Dona Fremosa?

- Eu não sou fremosa, não.

Sou isipa, mal do monte,
 Que traz o vermelhidão...

- Antes que o mal vá adiante,
 Eu zás, te corto o pescoço.”

“Isipra, isipela, isipelão
 do tutano vai pro osso,
 do osso vai pra carne,
 da carne pra pele,
 da pele pras onda do mar sagrado...”

“Pedro Paulo foi a Roma
 com Jesus Cristo se encontrou
 Jesus Cristo lhe perguntou

- Pedro Paulo, que vai por lá?

- Senhor, muita zipla, erisipela,

Muita gente morre dela!

-Pedro Paulo torna atrás

e a talharás!

-Com ervas do monte

água da fonte

azeite bento,

Em louvor de São Silvestre

Para que tudo o que eu faça lhe preste.”

“Em Jesus, nome de Jesus seja!

Em que talho? Ezipela
 Com a esperto do monte
 E água da fonte;
 Que logo lhe abrandará.”

“Jesus e João iam, os dois, por um caminho. Jesus perguntou a João:

- João, tu viste alguma coisa em Roma?

- Eu vi zipra, queimadura, vermelhão no corpo.

- E que mais viste?

- O povo morrendo de zipra, queimadura e vermelhão no corpo.

- Então, volta, João. Com os poderes de Deus, da Santa Virgem Maria, volta lá e atalha a zipra, queimadura ou vermelhão no corpo.”

“Ia Jesus e João, vai Jesus pergunta a João:

- Ó! João, tu que viste em Roma?

- Eu vi, Senhor, queimadura de fogo.

- Volta, João, e vai curar; cura com os poderes de Deus e da Virgem Maria, com folha de pimenta e água fria.

- Água não tem frio nem Jesus tem Senhor, curo eu, com fôlha de pimenta e água fria, Amém.”

DOR DE CABEÇA

“Deus é o sol, Deus é a luz, Deus é toda claridade! Sai-te daqui, sol de cabeça e sereno, e vai-te para as ondas do mar sagrado. Com os poderes de Deus-Padre, com os poderes de Deus-Filho e o Espírito Santo, amém.”

ESPINHELA CAÍDA (Doença, segundo a crença popular, caracterizada por forte dor nas costas, estômago e pernas)

“Jesus Cristo quando no mundo andou
 Muitas coisas curou.

Curou arca e ventre-caído levantou!
Quando no mundo andou
Foi curando todos mal!
Rezo nesta espinhela
Para este ventre levantar!”

“Quando Deus andou no mundo
Três coisas deixou:
Arcas e vento
E espinhela levantou.”

“Carne trilhada, nervo retorcido...
Osso e veia, até cordoveia,
Tudo isso coso, com a graça e louvor
de meu São Frutuoso.”

“Carne trilhada,
Nervo torcido,
Ossos e veias
E cordoveias,
Tudo isso eu coso
Com louvor
De São Francisco.”

“-Eu que coso?
- Pé aberto, fio torto
- Isso mesmo é que eu coso.”

“-Eu que coso?
- A carne aberta e fio torto,
- Isso mesmo é que eu coso,
Em louvor de São Gonçalo,

Pra que torne o pé ao seu estado.”

“-O que eu coso?

- Carne “triada” e osso desconjuntado e também nervo retorcido.

- Isso mesmo é que eu coso.

DOR DE DENTE

“Minha Santa Apolônia, eu vos peço, pelas dores-de-dente que vós sofreste, que façais essa dor passar, vós quereis vir tocar com vossa santa mão, e mandai essa dor parar na pancada do mar, amém,”

“São Nicodemo, sarai êste dente!

Sarai êste dente!

Sarai êste dente!

Êste dente!

Êste dente!”

“São Nicodemus, sarai êste dente!

Sarai êste dente!

Sarai êste dente!

Êste dente!

Dente!”

“Estava senhor São Pedro assentado em riba de uma pedra, chegou Jesus Cristo e perguntou: Pedro, que é que tu tens? Oh! Senhor, é uma dor de dente, uma dor de pontada e uma ventrusidade (ventosidade) encausada. Disse Jesus: Com o poder de Deus e do Divino Espírito Santo, passará a dor de dente, a dor de pontada e a ventrusidade encausada. Amém”

“Andava Jesus e José em viagem de arretirada. Perguntou Jesus a José: Tu que tens, José? – É a dor de dente, Senhor! Disse Jesus a José: Vamos, José, que assim como eu fui salvo e sarado das minhas chagas, assim ficarás sarado da tua dor de dente. Amém.”

“Nome de Jesus que é santo de virtude!

Entre as pedras do Algarve

São Vicente se assentou

E Nossa Senhora lhe perguntou

- Que fazes aqui Vicente?

- Sofro dos dentes

- Assim como eu trouxe

o meu filho nove meses no ventre

assim tu curarás.

Em nome da Virgem Maria

Padre nosso Ave Maria.”

ARGUEIRO (Cisco no olho)

“Corre, corre cavalheiro,

Vai na porta de São Pedro

Dizer a Santa Luzia

Que venha tirar êste argueiro

Com a ponta do seu lenço.”

“Corre, corre cavalheiro,

Vai na casa de São Pedro

Dizer a Santa Luzia

Que mande o lencinho dela

Para eu tirar êste argueiro

Que caiu dentro do meu ôlho.”

“Santa Luzia

Passou por aqui

Com seu cavalinho

Comendo capim.”

“Santa Luzia passou por aqui
Com seu cavalinho comendo capim
Que faça sair êste cisco daqui.”

“Santa Luzia
Passou por aqui
Com seu cavalinho;
Deu-lhe pão,
Disse que não;
Deu-lhe capim,
Disse que sim.”

“Corre, corre cavalheiro
Passa pela porta de São Pedro
E vai dizer a Santa Luzia
Que mande o lencinho
Para tirar um argueiro.”

“Corre, corre, cavaleiro
Pela porta de São Pedro,
Vai dizer a Santa Luzia
Que me mande o lenço branco
pra tirar êsse argueiro.”

CARNE QUEBRADA (Luxação)

“O que eu coso? – Carne quebrada, nervos tortos, pé desconjuntado.” (Aliada a essa reza temos o simbólico gestual: a rezadeira, com uma agulha e linha e também um paninho ou novelo, finge coser, atravessado a agulha no pano ou novelo, enquanto pronuncia a reza.)

“Carne trilhada,
Nervo torcido,

Os escrivães,
 Os cigarristas,
 E os amancebados,
 Caíam deste bicho T.
 Os *maus*
 De um-em-um
 De três-em-três
 De cinco-em-cinco
 Sete-em-sete
 (Nove-em-nove
 (Onze-em-onze
 (Nove-em-nove
 bis(Sete-em-sete
 (Cinco-em-cinco
 (Três-em-três
 (Um-em-um

 Em nome do Padre,
 Do Filho
 Do Espírito Santo”

PELO RUMO

“Bichos maus, que comem e a Deus não louvam. Malditos sejais, assim como foram os filhos de Josafá que foram dez; de dez morreu um, ficaram nove; de nove morreu um, ficaram oito; de oito morreu um, ficaram sete; de sete morreu um, ficaram seis; de seis morreu um, ficaram cinco; de cinco morreu um, ficaram quatro; de quatro morreu um, ficaram três; de três morreu um, ficaram dois; de dois morreu um, ficou um; deste um acabou-se tudo, até que não ficou nenhum.”

PELO RASTRO

“Com os poderes de Deus e Nossa Senhora, te livrarás do mal. De dez em dez, de nove em nove, de oito em oito, de sete em sete, de seis em seis, de cinco em cinco, de quatro em quatro, de três em três, de dois em dois, de um em um; maus que comeis, que a Deus não louvais, permita Nossa Senhora que todos os maus caiam.”

DOENÇA INDETERMINADA

“O nome de Jesus ajuda; onde eu puser minha mão, ponha Deus Sua santa Virtude; Cristo reina, Cristo vive, Cristo te ilumine, Cristo te defenda, aleluia, aleluia, aleluia; se êsse mal tiver na tua cabeça, Senhora Santa Teresa te ajude; se tiver por esta banda, Senhora Sant’Ana te ajude; se tiver na tua frente, Senhor São Vicente te ajude; esse mac tiver atrás, meu Senhor São Brás te ajude; se êsse mal tiver no fundo, Nosso Senhor seja por todo mundo.”

“Nosso Senhor me perguntou: - De que tratas Maria? – Eu trato de aquisidade, gota-coral, de feitiço, malefício, caboje, azar, se por acaso fulano tiver algum dêsses mal, os tais mal, na areia do rio vai parar; eu te curo Fulano se o mal tiver na cabeça, se tiver nesta banda, na tua frente, dêste lado e no fundo, pois Nosso Senhor Jesus Cristo é por todo mundo.”

“Fulano, estás enfeitado,
inchado, virado ou mal-olhado?
Eu te desenfeitado, desligo, talho
e desenlaço.
(Fazendo uma cruz no ar)
Eu talho o sopro do vento:
O ar de cima e o ar de baixo;
O ar do norte e o ar do sul;
O sopro do vento e o da chuva,
ar de cristão, de judeu ou de pagão.
Eu talho tudo.
Quem quer que sejas,
O mal da inveja,

ou a água do ventre.
Eu te talho e te degrado
Para as ondas do Mar Coalhado
Onde não canta nem galinha nem galo.
Para que o corpo
Torne ao estado
Como foi nascido e gerado
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria.”

“Fulano, eu talho os maus ares!
Para talhar esta embrulhada
três coisas devem ser dadas,
corno de carneiro
urina de menino
e pó de trigo moído
amassado e revirado
e vira e vira e vira ainda.”

“Com Deus tudo se faz
sem Deus nada dá nada
Eu talho esta ligação
em nome de Deus
de São Paulo e São Bernardo
que foram mestres em talhar.
Três padres nossos em louvor destes santos.”

“Ia Jesus e José numa longa viagem
Jesus andava e José ficava.
Disse Jesus a José:
- Anda José!
- Senhor, não posso!
- Que tens José?

- Senhor, uma dôr de dente, ou de...
 Que tanto me atormenta!
 - Anda, José!
 Assim como eu fiquei livre,
 São e salvo sarei das minhas cinco chagas,
 Assim tu creia F.
 Que tu és de ficar livre desta dôr,
 Dôr de pontada,
 Moléstia de tempo,
 Constipação e ramo
 E todos os males encausados!
 Assim tu creia F.
 Que tu és de ficar livre deste mal!
 P.N.A.M.G.P.S.R”

INSOLAÇÃO

“Quando andava pelo mundo, Jesus apanhou o calor do céu. Nossa Senhora encontrou-o e disse-lhe – “Tirar-te-ei o sol com uma toalha e um copo de água fria, como digo assim farei!” E o sol voltou ao seu lugar; que o mal que tens no copo, e na tua cabeça, Deus to tire e a Virgem Maria.”

“Deus fêz o Sol, Deus fêz a Lua...Deus fêz toda a claridade do Universo grandioso. Com a sua graça eu te benzo, eu te curo. Vai-te sol da cabeça desta criatura (diz o nome da pessoa) para as ondas do mar sagrado, com os santos poderes do Padre, do Filho e do Espírito Santo.”

“Deus é o sol, Deus é a luz, Deus é tôda a claridade! Sai-te daqui sol de cabeça e sereno e vai-te para as ondas do mar sagrado, com os poderes de Deus-Padre, com os poderes de Deus-Filho, e do Divino Espírito Santo, Amém.”

“Deus quando pelo mundo andou muito sol e calor apanhou. Encontrou com Nossa Senhora com que o sol se tiraria com um guardanapo de olhos e um copo e água fria. Sim, como faço a verdade torna o sol a seu lugar, vai esta Senhora pelo abaixo com o copinho de água fria, o mal que ela tem no corpo e na cabeça tire de Deus e da Virgem Maria.” (

“Ia Jesus para Belém
 Encontrou com S. Pedro no caminho.
 Pedro, que há por muito fogo, muito sol, volta para (sic)traz,
 Vai curar!
 - Que curo, Senhor?
 Com água e vida e pano de linho!”

“Tú és de ficar livre de Sól
 Moléstia do tempo
 Constipação
 E ramo
 E todo o mal encausado!”

MAL-DE-VENTO EXCOMUNGADO OU AR BRABO (Paralisia em alguma parte do corpo)

“Vento maldito, vento excomungado,
 Nosso Senhor não te quer aqui.
 Nossa Senhora há de te tirar.
 Nossa Senhora há de te levar.

“Vento mau excomungado, vento maldito, vento que Nosso Senhor não deixou no mundo;

Se é na cabeça, São Anastácio tira;
 Se é nos olhos, Santa Luzia tira;
 Se é no nariz, Santa Iria tira;
 Se é na boca, Nossa Senhora tira;

Se é na orelha, São Francisco tira;
 Se é nos braços, Santa Cruz tira;
 Se é no corpo, Senhor dos Passos tira.”

QUEIMADURAS

“O fogo não tem frio,
 a água não tem sede,
 o ar não tem calor,
 o pão não tem fome;
 São Lourenço, curai estas queimaduras pelo poder que Deus vos deu.”

PARA UMA BOA DENTIÇÃO

“Mourão, mourão
 Toma o teu dente podre,
 Me dá o meu são,
 Me dá o meu são.”

DOR DE BARRIGA

“Sai dor-de-barriga que está aí,
 Que a Cruz de Cristo está aqui.”

MAUS ARES

“Em nome de Deus-Padre, em nome de Deus Filho, em nome do Espírito Santo: ar vivo, ar morto, ar de estupor, ar de perrazia, ar arrenegado, ar excomungado, eu te arrenego. Em nome da Santíssima Trindade, que saias do corpo desta criatura, ou animal, e que vás parar no mar sagrado para que viva são e aliviado. – Padre-nosso, ave-maria, credo.”

DOENÇAS DA PELE

“Caia sobre o meu inimigo o medo e o pavor, pela força do teu braço fiquem imóveis o meu inimigo até que passe vosso servo, Senhor, Santo Deus, Santo forte, Jesus Nazareno, que no mundo andásseis, teus inimigos abrandaces, meus inimigos não me ofenderão, faca, chumbo, todo instrumento cortante e perfurante não me entrará por onde eu fôr de noite ou de dia, a luz de Deus me iluminará. Jesus Nazareno, valei-me e defendei-me de todos inimigos e de todo mal que me tentarem fazer, por caminhos escuros andarei, bons mãos me acompanharão, assim como acompanharam P. São Francisco. Vala-me meu senhor Jesus Cristo, a flor de sua Mãe Maria Santíssima a Hóstia Consagrada e o mistério da Cruz!”

QUEBRANTO

“Fulano, (nome da criança) tu tens quebranto e mau-olhado; quem te botou foi um olho imundo. Botou com o olho e eu te tiro com a bunda.”

“Em nome da Virgem
Quebranto, mau-olhado
Sai-te daqui,
Que êste menino
Não é para ti.”

PICADAS DE ANIMAIS PECONHENTOS

“Oh! Estrela gloriosa e preciosa, que Deus criou como defensora do veneno de fulano. Permita Deus que êste veneno se transforme em sangue para sustento de seu corpo, em nome dos 7 mistérios divinos, para sempre, amém. (Jesus, 5 vezes. Cada vez um padre-nosso, uma ave-maria, uma glória ao Pai em intenção dos sete mistérios divinos e das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.) Assim como Jesus Cristo está salvo e são das suas 5 chagas, salvo seja fulano do veneno desta serpente, que Deus pode, Deus quer, Deus faz, tudo quanto quer, assim será feito tudo com o nome de Deus, para o bem e da caridade.”

“Senhor São Bento,
Livrai-me de cobra

E de bicho peçonhento.”

“Pela primeira chaga de Cristo,
 Livrai-me São Bento;
 Pela segunda chaga de Cristo,
 Livrai-me São Bento;
 Pela terceira chaga de Cristo,
 Livrai-me São Bento;
 Pela quarta chaga de Cristo,
 Livrai-me São Bento;
 Pela quinta chaga de Cristo,
 Livrai-me São Bento das cobras e de bicho peçonhento.”

“São Bento, água benta,
 Jesus Cristo no altar,
 Benzei êstes caminhos,
 Que nêles eu quero passar.”

DOR DE MADRE (Cólicas uterinas)

“Madre! É tempo de teres o teu lugar. Madre! Alivia esta pobre mulher. São teus êstes cinco padres-nossos com cinco ave-marias, em lembrança das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim como o Senhor salvou-se, assim há de querer que Dona Fulana se salve desta dor-de-madre. Madre, volta ao teu lugar.”

MAU-OLHADO

“Fulano de tal, si tu tinha olhado
 pra que não me dizia
 Que eu te curaria, te tiraria
 Com um Padre Nosso e uma Ave Maria
 E um Gloria Patri, Fulano de tal!

Que tu és de ficar livre deste mal!”

30. CAMPAÍNHA (úvula) CAÍDA

“Jesus Cristo quando no mundo andou

Foi curando todo o mal.

Pucho nestes cabelos

Para esta campa alevantar

Jesus Cristo, Ave Maria!

Com o dedo polegar

Levanto esta campainha!

P.N.A.M.G.P.P.S.R.

Tu és de ficar livre de campainha caída

Dôr de garganta

E todo mal de garganta!”

FERIDA NA BOCA

“ferida na boca – “Meu Jesus nascido

Jesus Nascido

E filho da Virgem Maria sem pecado

E sarai estas feridas de boca

Meu Jesus de Nazaré!” diz3x , faz cruz, sopra na boca aberta do doente e diz: Tu és de ficar livre

De ferida na boca

E todo o mal encausado!”

UNHEIRO

“Nunca vi unheiro verde

Num buraco de parede!”
“Solução vai
Solução vem
Vai pra cima
De quem?
De quem me queira bem!”

FOGO SELVAGEM

“Eu te benzo em cruz, com a luz,
E com o sangue de Jesus.
Usagre, fogo-selvagem, vai-te daqui...
Que eu sinto nojo de ti.”